

O sucesso das videoaulas do professor de Matemática, com seus mais de 80 mil seguidores, aumenta o engajamento dos alunos em sala de aula e fora dela

Leia os artigos na íntegra no site: www.appai.org.br/revistaappaieducar



Alfabetizar não é o mesmo que ensinar a ler

João Pedro Roriz*

Alfabetizar o povo sempre foi um dos grandes desafios de nosso país. Porém, pior do que a taxa de analfabetismo, é a taxa invisível e incontável daqueles que acreditam saber ler.

Existe uma grande diferença entre ser alfabetizado e saber ler. A alfabetização de um aluno é resultado de estudos sistemáticos que preveem lições sobre o significado das letras. Já a compreensão do significado das dimensões conotativas de um texto é o resultado auferido após exercícios individuais que não devem visar leituras maquinais, mas a expansão dos sentidos de quem lê. Há quem diga que os brasileiros não gostam de ler. Mas a falta de leitura, nesse caso, não é uma questão de gosto.

O que existe é falta de conhecimento e de motivação. Ler dá trabalho e é um processo doloroso, pois, como todo exercício, causa combustão celular. Para aqueles que leem pouco, esse exercício é ainda mais doloroso, pois demanda neuroplasticidade, ou seja, adaptação e reorganização da dinâmica do sistema nervoso frente a esse desafio.

Fica fácil compreender por que a leitura não se tornou o exercício prioritário dos brasileiros. Nosso país foi usado como colônia de exploração. Após a independência, até meados do século XX, a nação baseou sua macroeconomia apenas nas atividades agrária e rural. Portanto, por anos, a demanda da força intelectual e física do povo, perdido no desvão da dependência econômica, política e até climática, se esgotou na difícil missão de sobreviver.

Hoje, o Brasil é considerado uma das maiores economias do mundo. Os panoramas social, cultural e econômico já são outros, mas os resquícios de nossa cultura colonial, passados de pai para filho, ainda residem no coração dos brasileiros.

***João Pedro Roriz** é escritor juvenil. Possui 17 obras para adolescentes e realiza a palestra motivacional "Para Gostar de Ler" em escolas de todo o País. Arte-educador, jornalista e escritor, especializado em literatura infantojuvenil. Sócio diretor da Arte em Voga, empresa de arte-educação. Exerceu o cargo de professor e Assessor de Cultura da Universidade Castelo Branco.



A educação e os meios de comunicação

Lúcio Alves de Barros*

Não creio que exista dúvida sobre o importante papel da mídia nos dias atuais. Sabemos de sua importância no campo da socialização de informações, da ressonância em publicidade no que toca ao cenário das políticas públicas, à democratização das informações e à necessidade de liberdade de sua ação no que se refere ao fortalecimento dos pilares da democracia. Não obstante sua importância, a mídia como veículo de informação na educação vem se revestindo, nas últimas décadas, de roupagens constangedoras, complexas e perigosas.

Uma das facetas da mídia se refere ao seu papel de mediadora de relações sociais em ambientes domésticos e privados. Os meios de comunicação, especialmente a TV, ao entrar logo cedo na casa cheia de filhos, funcionam como verdadeiras babás eletrônicas, fornecendo ao infante ou ao adolescente um turbilhão de informações sobre os quais dificilmente os responsáveis teriam controle. Imagens duras, "reportagens quentes", notícias sensacionalistas, acontecimentos sexualizados e sensualizados se misturam em horários diversos com propagandas, programas e publicidades. Com muita dificuldade uma criança entenderia o como e o porquê de certas ações serem direcionadas de determinada forma na tela da TV. Os cortes, as imagens, a cadência de informações não são neutras, e o descontrole por parte do receptor é inviabilizado, apesar da fala de que "não quer ver, desligue a TV", "não leia o jornal" ou "não escute o rádio".

Outra roupagem dos meios de comunicação é o de ser uma instituição acima dos seres humanos e até de "deus". Não por acaso, católicos e protestantes invadiram tanto canais abertos como fechados, vendo nesse veículo uma boa forma não somente de angariar fundos como também de levar ao crente o que determinadas religiões entendem por deus. Como mecanismo de poder, os meios de comunicação também assumem papel político. Tal como o anterior, trata-se de agente sem neutralidade e que produz de acordo com o "coronelismo midiático", que no Brasil aparece nas mãos de poucas famílias.

***Lúcio Alves de Barros** é Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e leciona na Faculdade de Educação / campus BH. Doutor em sociologia pela UFMG.



Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Colaboração
Sandra Martins, Cláudia Sanches, Marcela Figueiredo e Jéssica Almeida

Fotografia
Marcelo Ávila

Design
Luiz Cláudio de Oliveira
Marcel Schocair Costa

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 69.000 (sessenta e nove mil)

Impressão e distribuição
Gráfica Ediouro – Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



A dança dos índices

Sai mais uma rodada do Ideb. Agora já temos uma série histórica, iniciada em 2005. O objetivo é medir o aprendizado dos alunos dos ensinos Fundamental e Médio, atingindo metas maiores a cada dois anos. Quase dez anos depois, o que esse índice tem nos mostrado? O que significa para uma escola ter atingido – ou não – a meta em Português e Matemática?

O Governo comemora os avanços da primeira etapa do Ensino Fundamental, admite que fizemos pouco na segunda etapa e reconhece que o Ensino Médio ainda vive nas trevas.

Apesar de os educadores divergirem sobre a eficácia de se avaliar as conquistas de uma rede de ensino com base no Ideb, a realidade é que, de alguma forma, o índice retrata o conhecimento adquirido nas duas matérias. E isso preocupa. Primeiro porque estamos paralisados, aceitando um progresso muito lento – 10 anos se passaram, uma geração inteira de alunos se formou –, e o resultado é medíocre ou pior do que isso. Segundo, porque a avaliação exclusiva em testes de Matemática e Português tem retirado tempo para o ensino de Ciências, História, Artes e Esportes, que são matérias

essenciais para a formação completa do aluno-cidadão.

Ao revisarmos os resultados do Ideb dos anos anteriores, verificamos também um alto índice de volatilidade. A escola campeã em 2007 pode ter caído inúmeras posições no índice de 2011, enquanto outras que se encontravam em baixa colocação alcançam na prova seguinte os primeiros lugares. Outras ainda, com desempenho médio anos seguidos, sobem e descem sem que também se entendam as razões. Nada disso é explicado de forma consistente.

Indicadores, metas, avaliação, premiação compõem o cardápio de ferramentas importantes para planejar o sistema educacional. No entanto, à medida que o tempo passa, verifica-se como o universo escolar se adapta e muitas vezes passa a usar e a se locupletar das suas fragilidades.

No Brasil, institutos independentes já começam a alertar para o risco de as escolas tentarem jogar a poeira para debaixo do tapete. Na rede municipal do Rio, por exemplo, há sinais preocupantes de que alunos com baixo desempenho são colocados em salas especiais de recuperação e escapam aos testes do Ideb. Além de a evasão escolar ainda ser alta, um número muito maior do que

as estatísticas oficiais mostram pode estar fora da rede de Ensino Fundamental. Recentemente, um instituto detectou que na Rocinha 17% das crianças de 6 a 14 anos não estão matriculados na escola. Aparentemente não há interesse da rede em buscar esses alunos.

O debate sobre a eficácia no uso de índices, metas e avaliação de alunos e professores não acontece só no Brasil. Em todo o mundo há especialistas discutindo o impacto nas redes de ensino. Aqui nos Estados Unidos, 35 professores públicos de Atlanta foram acusados de falsificar os resultados das provas e aguardam julgamento que pode lhes custar 35 anos de prisão. Segundo a promotoria, eles são uma organização criminosa. Os advogados de defesa dizem que eles queriam apenas proteger os alunos que, se não tirassem boas notas, acabariam por repetir o ano e abandonariam a escola.

Andrea Gouvêa Vieira

Jornalista, ex-vereadora do Rio de Janeiro

Novo site da Appai



WWW.APPAI.ORG.BR

25º GRANDE BAILE

BENEFICENTE DOS ASSOCIADOS DA APPAI

"VEM AÍ O 25º GRANDE BAILE APPAI"

RIBALTA EVENTOS
29/11/2014

DAS 19 ÀS 24 HORAS
Av. das Américas, 9.650
Barra da Tijuca

Já está liberada a
retirada do Convite



Relação escola e família – Diálogos interdisciplinares para formação da criança

Luciana Maria Caetano e Solange Franci Raimundo Yaegashi (orgs.)

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

Este livro apresenta uma oportunidade para pais, mães, professores e educadores em geral refletirem sobre assuntos de extrema importância: violência doméstica, alienação parental e depressão, sexualidade, aprendizagem e desenvolvimento infantil, transtorno de ansiedade, *bullying*, afetividade e o brincar.



Autismo na escola – Um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar

Eugênio Cunha

Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

Este livro procura constituir um corpo de ideias e de práticas de ensino na inclusão escolar do aluno com transtorno do espectro autista. Enfatiza o trabalho do professor e a grandeza do seu papel, buscando estabelecer um diálogo com o leitor, na missão de restituir as contribuições de uma reflexão.



Maria, a incorrigível

Júlio Emílio Braz – Ilustrações: Soud

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

Mulher pode jogar futebol? Antes de responder a esta pergunta, conheça a história empolgante de Maria. Uma Maria como outra qualquer, apenas com um pequeno e interessante detalhe: Ela gostava de jogar futebol.



Discalculia – Superando as dificuldades em aprender matemática

Ana Maria Antunes de Campos

Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

Este livro contribui de forma significativa para que os educadores entendam o que é a discalculia e como ela afeta a vida dos educandos. A obra faz uma análise entre o ensino da Matemática e o papel do professor, trazendo ferramentas para a construção de um aprendizado completo e de qualidade a todos os alunos.



O Gato

Bartolomeu Campos de Queirós – Ilustrações: Anelise Zimmermann

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

O autor aborda valores universais e atemporais como o desamparo, a solidão e o acolhimento, fazendo uso de palavras precisas, sem excessos, como uma forma de combate aos tempos de tantas vaidades e de exacerbações em que vivemos.



Histórias que o rádio não contou – Do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo

Reynaldo C. Tavares

Paulus Editora – Tel.: (21) 2240-1303

O livro invade os bastidores das principais emissoras do Brasil e revela o que se passava por detrás dos seus microfones: o autor conta casos que o rádio nunca levou ao ar. O livro é acompanhado por dois CDs.



Minha criança é diferente? – Um manual de ajuda para pais e professores

Nora Cavaco

Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

Esta obra se apresenta como um contributo para todos os pais e profissionais. Por meio de uma leitura fácil e acessível a todos, este livro nos leva a desmistificar algumas crenças, preconceitos, fases da vida e muitos outros fatores que são barreiras a uma intervenção de sucesso.



Nos sonhos de Quintana

Lúcia Fidalgo

Paulus Editora – Tel.: (21) 2240-1303

O livro apresenta às crianças este influente poeta brasileiro. A autora acredita que o caminho para incentivar os pequenos a apreciarem a leitura é a liberdade de criar, de se envolver com a história e fazer parte dela.





Ensino a Distância, uma modalidade que aproxima

Em uma manhã dessas, telefonamos para uma grande escola e pedimos para falar com a pedagoga. A pessoa que nos atendeu informou que a profissional que procurávamos estava participando de uma aula ao vivo e que, assim que pudesse, retornaria a ligação. Após duas horas ela fez contato e conversamos. A pedagoga disse que estava fazendo um curso muito importante de atualização, a distância, e que havia demorado a retornar, porque, logo após assistir a aula ao vivo, participou também de um fórum sobre o tema da aula. Ela estava empolgada e relatou que, em outros tempos, teria se dirigido para outra localidade para realização do curso presencial, dispendendo o triplo do tempo e recursos financeiros, afastando-se de sua família, deixando todo um trabalho

interno da escola pendente por três dias. Disse também que a riqueza de exemplos e a qualidade do conteúdo apresentado fizeram com que ela tivesse muitas ideias práticas geradoras de resultados significativos para aplicar na escola.

Diante dos avanços e exigências do mundo atual, assim como essa pedagoga, muitos professores têm utilizado a modalidade de ensino, chamada a distância, que, ao contrário do que parece, além de oportunizar a construção contínua do conhecimento, por meio dos recursos tecnológicos, aproxima cada vez mais as pessoas do aprendizado e do universo virtual.

Estamos diante de uma realidade na qual os professores precisam estar cada vez mais envolvidos, já que se trata de um caminho sem volta.

Consultora de EAD - Andréa Schoch

Responsável pelo Benefício Educação Continuada - Michele Adum

Cursos Oferecidos

- INGLÊS BÁSICO NA PRÁTICA
- PASSOS PARA POTENCIALIZAR A MEMÓRIA
- EXCEL - BÁSICO E INTERMEDIÁRIO
- POWERPOINT 2007 NA PRÁTICA
- COMO EVITAR O ESTRESSE E A DEPRESSÃO
- ATIVIDADE FÍSICA
- PORTUGUÊS APLICADO
- INTERPRETAÇÃO E SÍNTESES DE TEXTOS - VERSÃO LIBRAS
- COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL



EAD APPAI
educação continuada a distância





Agenda do Professor

Benefício Educação Continuada

Inscrições: <http://www.appai.org.br/temas-educacao-continuada.aspx>

Novembro

Ziraldo na Sala de Aula

Data: 01/11/2014

Horário: 8h30 às 12h30 - sábado

Objetivo: uma proposta de utilização da obra de Ziraldo para despertar o prazer pela leitura, também como forma de lazer, além do estímulo à consolidação da identidade pessoal e nacional, com destaque para a valorização de nossas raízes étnicas de origem afro-descendente.

Promoção das Habilidades Sociais no Transtorno de Espectro Autista

Data: 27/11/2014

Horário: 8h30 às 12h30 - quinta-feira

Objetivo: apresentar conceitos e estratégias básicas de habilidades sociais, incluindo aspectos relacionados à avaliação multimodal e a propostas de intervenção dentro do contexto da educação especial.

Pedagogia de Projetos: Ano Letivo sem Mesmice

Data: 05/11/2014

Horário: 8h30 às 12h30 - quarta-feira

Objetivo: capacitar os profissionais da área de educação, oferecendo possibilidades de atuação, levando-os ao questionamento, tirando assim algumas dúvidas relacionadas ao tema, proporcionando condições para que o professor consiga repensar sua prática, desenvolvendo um trabalho eficaz integrando os projetos em seu cotidiano.

A Ação Psicopedagógica (Necessária) para a Educação do Século XXI

Data: 27/11/2014

Horário: 13 às 17h - quinta-feira

Objetivo: apresentar o objeto de estudo da Psicopedagogia, breve histórico desta área do conhecimento e sua atuação clínico-institucional; correlacionar a práxis psicopedagógica com as inquietações do contexto educacional atual; mediar a construção da ação psicopedagógica necessária para a educação do século XXI, traçando convergências com as demais áreas do conhecimento humano.

As Regras Gramaticais: Como Não Atropelar o Português

Data: 06/11/2014

Horário: 13 às 17h - quinta-feira

Objetivo: demonstrar, de forma simples, prática e diferenciada, que é possível redigir ou falar bem nosso idioma sem atropelar as regras gramaticais da Língua Portuguesa.

Organização Pessoal e no Trabalho: Transformam Rotina!

Data: 29/11/2014

Horário: 8h30 às 12h30 - sábado

Objetivo: apresentar propostas de organização pessoal e no trabalho que proporcionem mudanças de hábitos, conscientizando sobre como o aproveitamento do "tempo" está vinculado à organização na rotina diária.



Esperança é a arte da vida

Professoras criam projeto para preservar a escola através do respeito ao ambiente

“**A** descrença de uma perspectiva de mudança está levando muitas pessoas a terem atitudes violentas como forma, às vezes inconscientemente, de protesto. Esse sentimento de indignação faz com que, nas escolas, os alunos destruam o patrimônio público. O papel da educação é buscar a transformação deste quadro caótico, mostrando aos estudantes que essa situação só poderá ser revertida se cada um começar a contribuir para a mudança, plantando em seus corações a palavra esperança”. Foi com essa justificativa que as professoras Andréa de Menezes, de Ensino Religioso, e Jacqueline de Menezes, de Artes, criaram o projeto *Esperança é a arte da vida – Minervina de norte a sul*, no C. E. Professora Minervina Barbosa de Castro, em Duque de Caxias.

O intuito da iniciativa é preservar a escola através do respeito ao ambiente e conscientizar os alunos sobre a contribuição de cada um para um mundo melhor. Além disso, despertar os valores e atitudes que contribuam para o bem comum, a começar pelo ambiente escolar, e conscientizá-los de que é possível “mudar o mundo”, se cada um assumir as suas responsabilidades perante a sociedade. “Nós queríamos estabelecer um *link* com o projeto, oferecendo aos jovens a oportunidade de conhecerem a cultura de outras regiões e buscar a integração entre todas as disciplinas”, explicam as docentes.

O projeto, destinado a alunos dos ensinos Fundamental e Médio, abordou as disciplinas de Português, Artes, História, Matemática, Sociologia, Filosofia, Física, Geografia, Inglês, Ensino Religioso, Educação Física e Espanhol. “Espera-se que essa proposta, além de todos os objetivos citados, possa con-

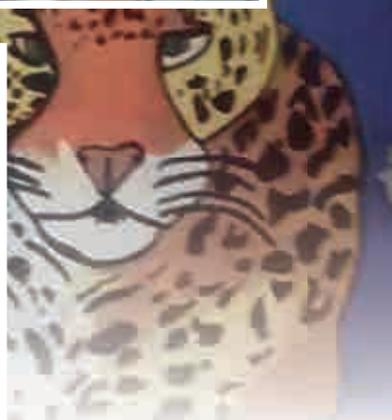
tribuir para uma maior solidariedade entre os alunos e ampliação de conhecimentos sobre as regiões do nosso país”, esclarecem as educadoras.

Para realização do projeto, optou-se pela sua separação em etapas. A primeira contou com uma enquete para saber se os estudantes e os professores tinham interesse em participar. A partir do resultado positivo, foram escolhidos os temas, com cada turma ficando responsável por um estado do Brasil. Com isso, cada equipe desenvolveu uma estratégia a fim de arrecadar dinheiro para comprar as tintas. Após a seleção dos desenhos e frases a serem pintadas em uma parede da sala, a turma foi dividida em grupos com cinco alunos para revezamento nas etapas da pintura, como lixar, pintar, desenhar etc. Em todas essas fases houve acompanhamento por um ou mais professores. Para realização do projeto, que tem duração de um semestre, os alunos utilizaram materiais bem simples, como lápis, borracha e jornais, além de tintas e pincéis.





Após a seleção dos desenhos e frases sobre as cinco regiões do Brasil, os alunos foram divididos em grupos e se dedicaram a limpar, desenhar e pintar as paredes das salas de aula



A professora Andréa afirma que, apesar de o projeto ainda estar em andamento, já é possível notar mudanças em sala de aula. "A iniciativa trouxe uma esperança para todos. Os meus colegas já estão falando das modificações no comportamento dos alunos, que não picharam mais as paredes. Para se ter ideia, deu tão certo que já estamos ativando um laboratório que ninguém sabia que existia, porque era usado como depósito. Os estudantes se oferecem a todo momento para ajudar. Pretendemos, depois de pintar o interior, passar para o exterior", conta.

Segundo a docente, a atividade fez tanto sucesso no colégio, que ela já a está desenvolvendo em outras duas escolas. "Já comecei o mesmo projeto, a pedido das diretoras, no Ciep Brizolão 476 Elias Lazaroni e no C. E. Professor Francisco Portugal Neves, ambos em Duque de Caxias. No primeiro o lema é *476 Colorindo o Brasil* e, no outro, *Resgatando o amor pela educação*. Neste último não trabalho, mas meu marido, professor de Matemática, é quem está de frente. Também criei um perfil no *Facebook*, intitulado *Minervina grafite*, para manter o contato com os alunos e professores", finaliza.

Colaboração: Jéssica Almeida

C. E. Professora Minervina Barbosa de Castro
Av. Duque de Caxias, 153 – Parque Equitativa
– Duque de Caxias/RJ
CEP: 25260-390
Tel.: (21) 2675-7761
E-mail: ceprofminervinabc@yahoo.com.br
Fotos cedidas pela escola



Construindo a igualdade no mundo da diversidade

Projeto visa a valorização das diferenças culturais e raciais

O Brasil é um país multirracial e multicultural, por isso devemos possibilitar a valorização da diversidade e a superação das desigualdades. Essa foi a justificativa para criação do projeto

Construindo a igualdade no mundinho da diversidade, desenvolvido com as crianças do EDI Ludmila Máximo Moreira Cardoso, em Campo Grande. A finalidade era fazer com que os pequenos desenvolvessem as áreas de conhecimento referentes à Educação Infantil – linguagem oral, corporal e escrita – a partir de situações lúdicas e cotidianas, visando a valorização das diferenças culturais do Brasil e do Mundo.

Além de mostrar a diversidade, a ideia era abordar como esse fator contribuiu para a construção da identidade do país. Para isso, foi utilizado o livro “De mãos dadas com as crianças de todo o mundo”, da coleção “O Mundinho”. A partir desse contexto, surgiu a ideia de confeccionar mascotes, com cada turma construindo uma, baseada nos aspectos culturais de Japão, Alemanha, Brasil e de países do continente africano. Com isso, os pequenos poderiam conhecer um pouco mais sobre as particularidades culturais desses povos e seus legados.

No berçário, a mascote recebeu o nome de Bob, que, segundo eles, veio de um mundo de cantigas de roda. A música que mais encantou as crianças foi a tradicional “Caranguejo não é peixe”. Por isso, foi explorado o fundo do mar, com suas formas, cores e diversidade. Além disso, foram desenvolvidos trabalhos com a musicalização das cantigas, expressão corporal, artes visuais e animais aquáticos.



Nas turmas do Maternal I, a mascote recebeu o nome de Leleco, que veio do continente africano para o Brasil, com o intuito de ensinar seus costumes. A questão da identidade negra e a promoção da igualdade racial, através de histórias com heróis, heroínas, príncipes e princesas negras, também esteve presente. Uma das atividades mais interessantes foi o encontro com os pais que confeccionaram a *Abayomi*. “A boneca é feita com retalhos, que nos tempos mais remotos divertiu os filhos de escravos traficados para o Brasil nos navios negreiros”, explica a diretora Ana Cristina.

A partir do contexto estudado, cada turminha se baseou nos aspectos culturais de países como Japão, Alemanha, Brasil e nações do continente africano



Já no Maternal II, foram desenvolvidos dois temas, um para cada turma. Uma mascote recebeu o nome de Raimundo e veio do Japão. Por sua escrita ser muito diferente da nossa, uma das atividades propostas foram os ideogramas japoneses. Através da brincadeira, outras formas de leitura e escrita foram trabalhadas. Além disso, os pequenos estudaram os cumprimentos, as diversões e confeccionaram comida japonesa com massinha de modelar. Na outra turma, a mascote foi o Scooby, que veio da Alemanha. Através dele foi possível aprender um pouco da história do país e suas belezas naturais, como o cultivo das flores.

As turmas da Pré-Escola criaram as mascotes Tom e Hulk, que, por adorarem praticar esportes e se preocuparem com a alimentação saudável, permitiram que várias atividades fossem propostas. Outra mascote criada foi o indígena Poti, que valoriza os animais e a natureza. A partir dele,



foram trabalhadas muitas brincadeiras características dos povos nativos. Houve também a demonstração de alimentos e ervas que até hoje estão presentes em nossa culinária.

A culminância do projeto resultou na 1ª Feira Cultural, que explorou as comidas típicas, danças, músicas, costumes, vestimentas e artesanato. As bonecas *Abayomi*, por exemplo, ficaram em exposição ao lado de cartazes sobre a África, e máscaras características das várias culturas do continente, feitas com papelão, tinta guache e retalhos de papel colorido, foram produzidas.

A diretora conta que a Feira Cultural foi um momento ímpar, que oportunizou às crianças conhecerem, através da ludicidade, aspectos das culturas do Japão, Alemanha, Brasil e nações africanas. “Brincando eles puderam desenvolver a capacidade investigativa, se interessando e conhecendo a realidade do mundo. Além da possibilidade de apresentar coletivamente e desenvolver suas habilidades e competências, resgatando valores culturais dos povos, unindo o brincar a novas experiências, promovendo assim a aprendizagem”, conclui.

Colaboração: Jéssica Almeida

EDI Ludmila Máximo Moreira Cardoso
Rua Pedro Leão Veloso, s/nº –
Campo Grande – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23055-130
Tel.: (21) 3403-0777
E-mail: ediludmila@rioeduca.net
Diretora: Ana Cristina Moreira
Fotos: Marcelo Ávila



Saindo da rotina

Professores criam projeto com intuito de mudar aulas tradicionais

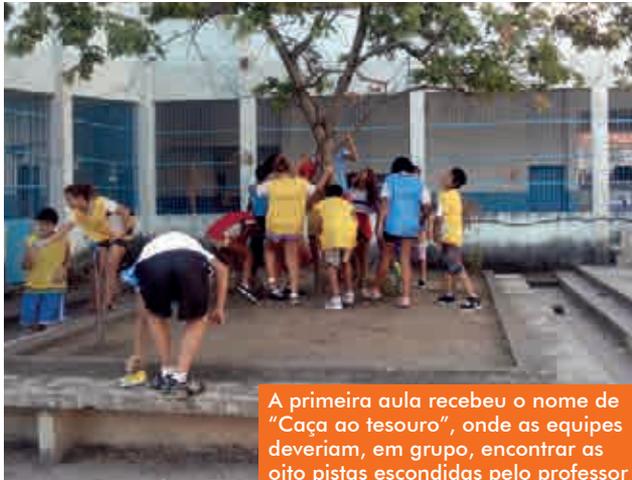
“**A**no após ano as aulas de Educação Física, em muitas escolas de Ensino Fundamental II, têm se limitado ao aprendizado e prática do chamado quarteto mágico, constituído pelos esportes futsal, basquetebol, handebol e voleibol. A utilização exclusivamente dessas atividades vem desmotivando e desinteressando os alunos na disciplina que eles normalmente mais aguardam”. Essa foi a justificativa utilizada pelo professor de Educação Física Mauricio Vianna para a criação do projeto de interação com a natureza, desenvolvido com os alunos do 6º ano na E. M. Dalva de Oliveira, em Realengo.

O professor conta que, percebendo esse quadro, surgiu a ideia de levar para a escola um esporte diferente e pouco conhecido pelos alunos, o *Cross Country*, que consiste em uma corrida ao ar livre em terreno acidentado com vários obstáculos naturais, tais como subidas com diferentes inclinações, descidas, troncos de árvores, pequenos riachos, grama e terra batida. “Após uma conversa com o professor de Geografia sobre essa ideia, foi elaborado um projeto e solicitado um ônibus à 8ª Coordenadoria de Educação para que os alunos fossem levados ao Parque Nacional da Tijuca. A atividade possibilitou a eles a interação com a natureza e o aprendizado, na prática, de conteúdos relacionados às disciplinas de Ciências, Geografia e Educação Física”, explica.

Idealizado pelos professores Mauricio Vianna, de Educação Física, e Paulo Mattos, de Geografia, o projeto contou com a colaboração das docentes Celma Marinho, de Ciências, e Cláudia Bahouth, também de Educação Física, além da coordenadora pedagógica Fernanda Arruda. De acordo com os idealizadores, a atividade visava proporcionar aos alunos a experimentação de um esporte diferenciado, o *Cross Country*, através da exploração de uma floresta urbana, o que possibilitaria também conhecer espécies raras de fauna e flora, história, curiosidades e topografia, valorizando o contato direto e a interação com a natureza de forma respeitosa. “Tudo isso através do conhecimento de um dos parques ambientais mais importantes da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil. O roteiro planejado para visitaçào visou contribuir para a formação dos alunos, incentivando-os a serem cidadãos com senso crítico do ponto de vista socioambiental, conscientes de seu papel na sociedade”, explicam os docentes.

Após a confirmação do passeio ao Parque Nacional da Tijuca, o projeto foi apresentado aos alunos e o trabalho se iniciou. O *Cross Country* foi explicado e apresentado pelo professor de Educação Física de forma verbal e os estudantes puderam tirar suas dúvidas acerca do esporte, novo para eles, e do passeio a ser realizado. Segundo o docente,





A primeira aula recebeu o nome de "Caça ao tesouro", onde as equipes deveriam, em grupo, encontrar as oito pistas escondidas pelo professor

foi constatada uma empolgação imensa com a novidade. Os jovens foram indagados sobre as dificuldades que encontrariam no percurso e quais diferenças existiam entre essa corrida e as tradicionais de rua e pista de atletismo. A partir daí, o professor elaborou quatro aulas de Educação Física para trabalhar a nova atividade.

A primeira aula recebeu o nome de "Caça ao tesouro", pois o educador escondeu pelas dependências da escola oito pistas que poderiam levar ao tesouro. As equipes deveriam, em grupo, encontrar todas elas, o mais rápido possível, para chegarem ao objetivo (uma caixa de chocolate). As pistas foram colocadas no refeitório, na árvore da escola, na sala de leitura, no estacionamento, na arquibancada, na janela do banheiro e no auditório, tudo com o intuito de os alunos poderem correr, subir em degraus, pular, abaixar e prestar atenção a todos os obstáculos presentes no percurso. A equipe que encontrasse primeiro o tesouro ganharia os chocolates. Ao final da aula o professor debateu com os alunos as dificuldades detectadas na atividade e qual seria a melhor maneira de obter sucesso na brincadeira.

Já a segunda aula recebeu o nome de "Revezamento de transposição de obstáculos". Dessa vez o docente utilizou os materiais de Educação Física, disponíveis na escola, para organizar um percurso com obstáculos. Um grupo de cada vez deveria percorrer o trajeto em forma de revezamento com cronometragem para cada equipe. A que apresentasse o menor tempo venceria a disputa. Os alunos deveriam correr, pular, saltar, abaixar, subir degraus e ter atenção para não derrubar os obstáculos. Ao final da aula o profes-



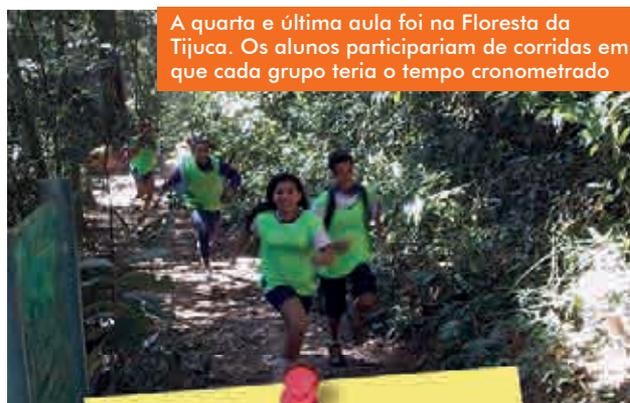
sor debateu com os jovens que tipo de movimentos eles precisaram realizar para ultrapassar as barreiras.

Na terceira aula, que recebeu o nome de "Criação de percurso com obstáculos em grupo", o educador disponibilizou materiais de Educação Física e os espaços físicos externos da escola para cada grupo criar seu próprio percurso com largada e chegada. Cada grupo deveria explicar e demonstrar o caminho criado para que os outros experimentassem. Os componentes de cada grupo deveriam passar juntos pelo percurso. Ao final da aula os alunos avaliariam cada trajeto criado, as dificuldades apresentadas, as diferentes ideias e como isso se relacionava com o percurso desconhecido que eles fariam na floresta.

A quarta e última aula foi na Floresta da Tijuca. Os alunos foram separados em quatro grupos com cores diferentes. Foi explicado que participariam de duas corridas em duas trilhas diferentes e que cada grupo teria o tempo cronometrado do início ao fim de cada trilha. A equipe que somasse o menor tempo nas duas trilhas seria premiada pelos professores. Ficaram dois docentes no início da trilha para dar a largada, um no meio para orientar o caminho e outro no fim para verificar a chegada dos alunos.

Após a primeira trilha com corrida, os alunos se reuniram próximo a uma cachoeira. Nesse momento os professores de Ciências e Geografia explicaram a importância da preservação do meio ambiente, como surgem as nascentes e como se formam os rios e lagos. "O roteiro planejado para visita visou contribuir para a formação dos estudantes, incentivando-os a serem cidadãos com senso crítico do ponto de vista socioambiental, conscientes de seu papel na sociedade. Tentamos mostrar a eles diversas práticas de que podem usufruir e demos oportunidades que nunca foram apreciadas, para que houvesse mudanças em sua realidade", finalizam os professores.

Colaboração: Jéssica Almeida



A quarta e última aula foi na Floresta da Tijuca. Os alunos participariam de corridas em que cada grupo teria o tempo cronometrado

Escola Municipal Dalva de Oliveira
Estrada Manoel Nogueira de Sá, s/nº –
Realengo – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21745-290
Tel.: (21) 3423-7807
E-mail: emdoliveira@rioeduca.net
Fotos cedidas pela escola



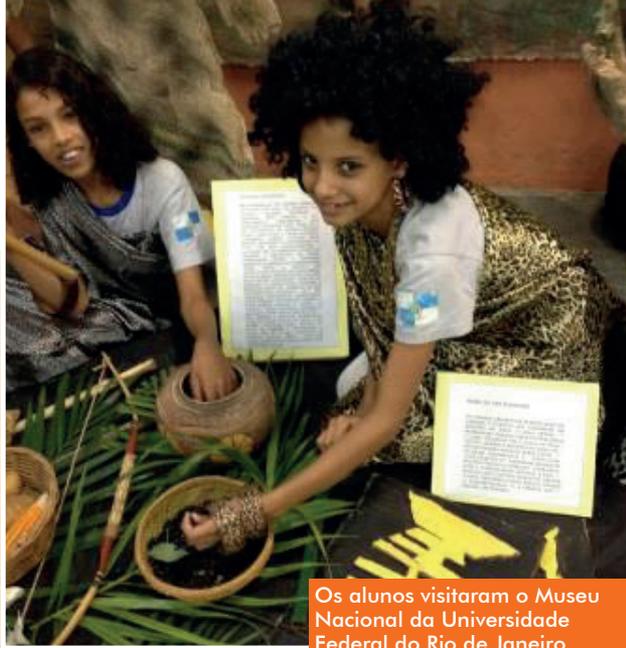
Pré-História

Projeto de História propõe também reflexões sobre a inclusão escolar

Segundo dados da InfoEscola, a Pré-História é o período que compreende desde o surgimento do homem até o aparecimento da escrita, por volta de 4.000 a.C. Esse importante período da história foi tema do projeto desenvolvido com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Edmundo Peralta Bernardes, em Paty do Alferes, município do Rio de Janeiro.

Segundo Lídia Tamer, professora e idealizadora do projeto, intitulado de *Pré-História*, a ideia surgiu devido ao grande interesse pelo assunto por parte de um aluno autista durante as aulas. “Pensando numa forma de aproveitar essa situação, resolvi elaborar uma atividade na qual ele pudesse participar de forma mais intensa. Já que se trata de uma turma do 6º ano, e o assunto Pré-História faz parte do currículo mínimo no 1º bimestre, achei que seria um trabalho muito legal para desenvolver com os jovens”, explica. Como a docente não tinha experiência com alunos autistas, ela convidou a professora da Sala de Recursos, Ester Dias, que faz o acompanhamento do estudante, para participar do projeto e acompanhar de perto o trabalho dele.

De acordo com a professora de História, a atividade foi dividida em quatro etapas. A primeira foi a apresentação do projeto aos alunos, em seguida a organização dos grupos, a divisão do assunto para pesquisa e, por fim, a coleta de material para montagem do trabalho. Na segunda etapa, a turma se organizou em 3 grupos. Cada um ficou responsável por um período da Pré-História: Paleolítico, Neolítico e Idade dos Metais. Os alunos fizeram bonecos de papelão representando homens daquela época, referentes a cada período, suas



Os alunos visitaram o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde puderam aprender muitas coisas sobre a Pré-História



Durante a culminância foram expostos os objetos, utensílios e alimentos confeccionados pelos alunos, que estavam caracterizados de acordo com o tema do projeto



armas, objetos, utensílios e alimentos, sob a supervisão da professora. Além disso, Lídia criou um figurino com a ajuda dos próprios estudantes que, segundo ela, tiveram liberdade de exercer amplamente a criatividade.

Na terceira etapa, a turma fez a montagem do cenário para exposição dos trabalhos. “Durante a culminância do projeto, aproveitei que os alunos estavam caracterizados de acordo com o tema, para dar uma aula sobre o assunto para eles, os responsáveis e todos os convidados presentes. Eles adoraram!”, conta a professora de História. Para o fechamento do projeto, os alunos visitaram o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em São Cristóvão. “Lá meus alunos puderam aprender muitas coisas sobre a Pré-História, ampliando ainda mais o conhecimento deles”, afirma a docente.

A aluna Julia Maria de Paula Souza conta que aprendeu muitas coisas com os antepassados. “Naquela época não havia as modernidades que temos hoje. Eles tinham que caçar para sobreviver. Além de valorizar nosso modo de vida atual, aprendi a trabalhar em grupo”, afirma. A estudante Andressa da Silva Matos relata que também passou a conhecer muitas coisas. “Percebi que as pessoas tinham que fazer sua própria roupa e ir atrás de sua comida, através de lanças e objetos que fabricavam. Na culminância do projeto, me vesti como uma mulher da Pré-História. Adorei essa experiência, porque tivemos a oportunidade de vivenciar esse período”, conta.

Segundo Lídia, a atividade foi uma experiência muito rica, tanto para ela, quanto para os alunos. “Além dos conteúdos sobre a Pré-História, foi possível pôr em prática uma série de habilidades importantes como a criatividade, a ação em equipe, a valorização do trabalho de pesquisa e a responsabilidade. Aprenderam também que estudar História pode ser muito divertido, principalmente da forma como foi ensinada. Quanto ao aluno autista, Jordan Lucas, tenho observado um entrosamento maior com os colegas de classe, principalmente nas atividades em grupo. Além de uma aproximação maior comigo e um crescente interesse pelas aulas”, finaliza a professora.

Colaboração: Jéssica Almeida



História em Quadrinhos

Além de ser um passatempo, a história em quadrinhos pode estimular a leitura e a escrita

Qualquer atividade ou produto realizado pelo homem com propósito estético ou comunicativo, enquanto expressão de ideias, emoções ou formas de ver o mundo, pode ser definido como arte. Um exemplo de expressão artística é a história em quadrinhos, que, além de passatempo, pode estimular a leitura e a escrita. Segundo Rafael Carneiro Monteiro, ilustrador e professor, o ensino desse gênero nas escolas é importante, pois reforça o hábito da leitura e consequentemente torna possível desenvolver novas habilidades artísticas através dos desenhos.

As aulas de história em quadrinhos podem ajudar também a descobrir novos talentos e aprimorar o trabalho daqueles que já tenham aptidão com o desenho. Em outra vertente, mesmo que a criança ou o jovem não tenha essa habilidade, eles podem criar histórias através de personagens simples, como, por exemplo, uma bola de futebol com olhos e boca. Além disso, qualquer situação do cotidiano pode virar um quadrinho. Um exemplo disso é a história criada pelo próprio Rafael Carneiro, exclusivamente para a Revista Appai Educar. Através dela, ele conta um pouco sobre os quadrinhos e a importância de ser ensinado nas escolas. Confira:



Oficina de História em Quadrinho

Sabendo da importância da história em quadrinhos, os alunos do C. E. Carlos Arnaldo Abruzzini da Fonseca, em Santa Cruz, participaram de uma oficina promovida pelo Projeto de Leitura Escolar. De acordo com a agente da sala de leitura, Valéria Cristina de Queiroz, o intuito da atividade era desenvolver as habilidades dos alunos, não só desenhando, mas aprendendo técnicas de histórias em quadrinhos, além de incentivar a escrita e a leitura.

A docente conta que, ao observar que alunos em geral gostam de desenhar, pensou em usar as histórias em quadrinhos como um suporte facilitador do desenvolvimento dos estudantes. "Dessa forma, eles poderiam desenvolver questões através dos textos e desenhos, o que ajudaria em outras disciplinas e poderia atraí-los para a Sala de Leitura", afirma Valéria.

Ministrando aulas na escola, Rafael Carneiro Monteiro conta que esse era um projeto da Seeduc para desenvolver oficinas do gênero nas escolas. "Devido a minha experiência, fui contatado pela Valéria, para que, através da oficina, pudesse melhorar o desempenho dos alunos e ajudar no afloramento de suas habilidades através da escrita e da linguagem da arte", explica o ilustrador.

A oficina reuniu cerca de 50 alunos, do 9º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio. Eles tiveram a oportunidade de conhecer um pouco sobre a origem e o processo de criação de uma história em quadrinho. "Foram mostradas várias técnicas e formatos de revistas, além das cores, desenho, traço, capa etc. Através de bonecos, iniciaram a criação de suas próprias histórias", conta Rafael.

Segundo a agente da sala de leitura, o tema da oficina foi livre, mas foram sugeridos alguns exemplos, como meio ambiente e ecologia. "Os estudantes, que trabalharam individualmente ou em dupla, foram bem participativos. Durante a atividade, já apareceram alguns alunos talentosos, que, além de escreverem suas próprias histórias, criativas e bem-humoradas, desenhavam muito bem", declara Valéria.

O aluno Wallace Carlos Silva Oliveira, da turma 1.014, conta que a oficina serviu para aperfeiçoar o desenho dele. "Durante esse processo desenvolvi uma história que comparava a imaginação com a realidade. Acredito que a melhor forma de aprender é lendo e, quando se faz uma história em quadrinho, acabamos desenvolvendo o interesse pela leitura e pela escrita", justifica o estudante.

De acordo com Rafael, muitos alunos manifestaram interesse em aprofundar os conhecimentos nas histórias em quadrinhos. "Existem planos de dar continuidade ao projeto. Trabalharemos num segundo momento com os mesmos alunos e usaremos textos pré-selecionados de autores brasileiros", adianta Rafael.

Colaboração: Jéssica Almeida

Rafael Carneiro Monteiro é formado em Artes Plásticas e estudou aquarela nos Estados Unidos, na *Parsons School*. Começou a desenhar com a ajuda do pai, que estudou Artes na Inglaterra, no *Royal College of Art*. Além disso, aprendeu pintura com o artista belga Gustave Van Enden. Fez pós-graduações em Artes e História, além de mestrado em Meio Ambiente. Escreveu os livros "A Dimensão do Mito" e "Percepção Estética". Atualmente, é professor de Artes na rede estadual, atua como ilustrador na Seeduc e ministra aulas de histórias em quadrinhos em cursos de pós-graduação.

C. E. Carlos Arnaldo Abruzzini da Fonseca
Estrada de Vasconcelos, s/nº – Nova Sepe-
tiba – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23547-080
Tel.: (21) 2333-7203
E-mail: clmalb4@hotmail.com
Ilustração: Rafael Carneiro Monteiro
Fotos cedidas pela escola



Educação Financeira

O governo brasileiro oferece diversas oportunidades de empréstimos e investimentos. Porém, muitas vezes, a população não sabe como usá-los e/ou administrá-los. Para solucionar esse problema foi criada a Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef), com intuito de promover a educação financeira e aumentar a capacidade do cidadão de realizar escolhas conscientes sobre a administração dos seus recursos. As ações da Enef podem ser oferecidas por instituições públicas ou privadas.

Além dessa iniciativa do governo, profissionais capacitados trabalham com consultoria pessoal e corporativa voltada para a Educação Financeira. Mas, afinal, o que é Educação Financeira? Qual a importância? Até que ponto a Educação Financeira pode interferir na vida de uma pessoa? A Revista Appai Educar entrevistou o consultor e educador financeiro Adenias Gonçalves Filho, que também oferece palestras na Appai, através do Benefício Educação Continuada, para responder a essas e outras questões sobre o tema. Confira:

REVI STA APPAI EDUCAR: O que é Educação Financeira?

ADENIAS: Trata-se de ferramentas muito simples que são usadas para ter um maior controle da vida financeira. Ou seja, sair de uma situação consumista e começar a perceber a necessidade de criar patrimônio ao longo da vida para gerar renda. Ampliar o conhecimento com relação ao uso consciente do dinheiro e do consumo, e a partir daí começar a se apoderar desses ensinamentos.

EDUCAR: Como funciona o seu trabalho?

ADENIAS: Ofereço palestras, treinamentos, *workshops*, consultorias pessoais e para empresas. O papel do consultor financeiro é sensibilizar as pessoas. Trazer um equilíbrio para a vida delas. Descobrir onde está o problema e como podemos resolver. Trabalho também prestando consultoria por telefone, porque algumas pessoas têm vergonha de se expor. Então oferecemos esse serviço telefônico, que vale para empresas e associações, no sentido de ter um canal, no qual a pessoa pode ligar ou mandar um *e-mail*. O cliente explica o problema e os consultores darão algumas orientações.

EDUCAR: Qual a importância da Educação Financeira?

ADENIAS: Aprender a administrar melhor o dinheiro. Sem um planejamento financeiro a pessoa pode viver endividada ou perder todos os seus recursos de uma hora para outra. Um exemplo disso são os casos de pessoas que ganharam na Mega-Sena e anos depois estavam na miséria. Ou seja, perderam uma fortuna por falta de um planejamento financeiro, não souberam como administrar o dinheiro.

EDUCAR: Até que ponto a Educação Financeira pode interferir na vida de uma pessoa?

ADENIAS: Sem um planejamento financeiro podemos ter diversas áreas afetadas, pois na maioria das vezes, quando estamos com problemas financeiros, ficamos abalados emocionalmente. Isso pode acarretar baixa produtividade no trabalho

e/ou nos estudos. Quando presto consultoria em empresas, chamo atenção para isso. Uma situação muito comum é quando a empresa quer colocar um programa de treinamento e o funcionário está com problemas pessoais ou financeiros. O aproveitamento daquele investimento para esse funcionário não será o mesmo que o dos outros. Por isso, a importância de “tratar” o problema financeiro antes de tudo. Isso trará resultados melhores para a empresa e para o funcionário.

EDUCAR: A família também pode influenciar na situação financeira de uma pessoa?

ADENIAS: Sim, é o que costumo chamar de DNA Financeiro. Quando faço uma consultoria, uma das primeiras coisas que estudo é o histórico financeiro da família. Por exemplo, se uma pessoa tem um pai endividado e uma mãe consumista, a tendência é que essa pessoa tenha um perfil consumista. Ou, se ela tem pais extremamente econômicos, a tendência é que também seja. Por isso, destaco a importância de aplicar a Educação Financeira não individualmente, mas também no ambiente familiar. Dessa forma, todos terão as informações necessárias para administrar melhor o dinheiro pessoal e da família.

EDUCAR: Na sua opinião, a partir de quantos anos as crianças deveriam começar a aprender sobre Educação Financeira?

ADENIAS: A partir dos três anos de idade. A Educação Financeira tem que se iniciar dentro de casa com as crianças percebendo o valor das coisas. Quando, por exemplo, ela quer dois brinquedos, temos que colocar a opção de optar por um ou outro e dar apenas um. A partir daí, ela começa a distinguir o que é importante entre suas escolhas. Outra dica interessante é dar uma semanada ou mesada para a criança, pois com isso ela vai aprendendo a administrar o próprio dinheiro e estabelecer suas prioridades.

EDUCAR: Qual a importância de aplicar Educação Financeira nas escolas? Afinal, os professores são multiplicadores de conhecimento.

ADENIAS: A educação financeira é de suma importância, pois os professores se apoderam das técnicas e compartilham em sala de aula. Os ensinamentos podem ser passados desde os alunos do Ensino Infantil até os do Ensino Médio. Há um projeto de lei em análise que pretende colocar a Educação Financeira como matéria obrigatória nas escolas. Porém, vale ressaltar, não adianta a criança aprender os conceitos na escola e chegar em casa e se deparar com o desperdício de água ou energia. Os exemplos têm que ser vistos na escola e em casa.

EDUCAR: A terapia financeira é mais indicada para aqueles que já se encontram endividados, a fim de alcançar saúde financeira, ou é indicada a todos que querem garantir bons hábitos em relação ao dinheiro?

ADENIAS: Não tem um público específico, ela é destinada a todos que querem reorganizar sua vida financeira. Temos pessoas que recebem salário mínimo e têm casa própria. Outros que ganham muito bem e não possuem nenhum patrimônio. Ou seja, é destinado a todos aqueles que querem adquirir conhecimento, através de experiências e ensinamentos, e aplicá-los na vida financeira.

EDUCAR: Atualmente, o que mais ouvimos são pessoas relatando o quanto estão endividadas, principalmente com cartão de crédito. Essa realidade se deve também ao não conhecimento do que é e de que forma se faz uma boa gestão financeira?

ADENIAS: Sem dúvida. As pessoas com cartão de crédito têm aquela sensação de poder. Há as que sequer sabem quanto recebem mensalmente, quanto gastam e quanto pagam de juros. O cartão de crédito e o parcelamento são interessantes, desde que a pessoa saiba como usá-los e administrá-los da maneira correta. Se não, é um grande problema.

EDUCAR: O consumismo é uma doença?

ADENIAS: Sim. Chamamos de Oneomania ou doença do consumismo, que é a compulsividade de consumo que gera o endividamento. Assim como todo dependente, os consumidores compulsivos demoraram a admitir seu vício. O desejo incontrolável de gastar tem tratamento, através de terapias e profissionais que ajudem a planejar e recuperar todas as dívidas contraídas.

EDUCAR: Alguém que nunca ouviu falar de Educação Financeira e assiste uma palestra sobre o assunto adquire outra visão em relação a essa questão?

ADENIAS: É o que busco quando presto um serviço. O intuito do meu trabalho é despertar um olhar mais atento em relação à vida financeira. Costumo dizer que o mais difícil é começar, depois tudo flui naturalmente. Estudos apontam que, após 21 dias fazendo a mesma coisa, aquilo se torna um hábito. O mesmo acontece com a Educação Financeira: se a pessoa começa a administrar melhor o dinheiro, aquilo vai ficando automático.

FORMAÇÃO

Formação superior em Administração de Empresas; pós-graduado em Finanças pelo IBMEC-RJ; em Administração, Contabilidade e Finanças pela FGV-RJ e em Gestão Estratégica pela Amana Key-SP, com especialização em Finanças Internacionais, pelo Industrial Bank of Japan-Japão; Sócio Diretor da BRexperts Consultoria Empresarial Multidisciplinar; membro do Conselho Consultivo – Global Council of Sales Marketing (GCSM); conselheiro fiscal da Associação Dobem, atua como consultor em gestão empresarial, finanças pessoais, *coaching*, educador e palestrante.

Colaboração: Jéssica Almeida



Festival de Folclore

brilha da Educação Infantil ao Ensino Fundamental

Sandra Martins

Para comemorar o Dia do Folclore, 22 de agosto, nada melhor do que convocar a parceria entre o mamulengo e o coco, frevo e samba, para que todos vejam o Cavalo-marinho brincar com a Boneca de Lata que estava com a Jardineira olhando a Dança dos Ratos. Este encontro fez parte do Festival de Folclore do Centro Educacional André Luiz, escola do bairro de Cascadura, na Zona Norte da capital carioca.

A proposta do projeto foi apresentar variados aspectos do folclore brasileiro junto com o conteúdo programático de cada série, que incluía desde a turminha do berçário até os alunos do 8º ano. O evento realizado na saída dos dois turnos mobilizou os pais e responsáveis, e muitos deles puderam rememorar músicas de suas infâncias.

Parte do patrimônio cultural da humanidade, o folclore apresenta jeitos e formas com que os povos compreendem os fatos ao seu redor. De acordo com Edna de Almeida Santos Paixão, diretora do Ceal, entre os conceitos que norteiam seu projeto político-pedagógico está o planejamento em Artes, com exemplos práticos que abrangem as linguagens artísticas – dança, artes visuais, música e teatro, e o reconhecimento do trabalho das mulheres. Elas, inclusive, foram a motivação basilar para a criação da escola, que há 21 anos atende em horário integral. “A valorização do trabalho feminino passa necessariamente pelas condições que lhe são oferecidas para que possa deixar seus filhos em uma escola preparada para o horário integral, com equipe que, além dos conteúdos curriculares, também desenvolva laços de afeti-





A ideia do projeto era apresentar variados aspectos do folclore brasileiro, incluindo desde a turminha do berçário até os alunos do 8º ano



vidade, sensibilidade e respeito”, afirma Edna. Essas preocupações, segundo ela, são transversais em todos os projetos. Neste, relacionado às danças folclóricas, buscou-se dar visibilidade às mulheres, como Maria Bonita, além de se enfatizar a importância cultural do folclore instigando a fantasia e a imaginação através de pesquisas, histórias e reconstruções.

As coordenadoras pedagógicas Janaína Jesus de Souza e Eli da Silveira produziram o projeto contando com a participação efetiva das docentes, na criação de metodologias específicas para desenvolver o tema gerador em todas as séries. Em linhas gerais, aparecem como objetivos gerais: a exploração da linguagem oral, escrita e artística, aproveitando a riqueza dos textos folclóricos; a motivação de produções artísticas, individuais e coletivas; e o incentivo para despertar o gosto pelas músicas e danças culturais diversas. As apresentações demonstraram que as informações foram muito bem assimiladas.

Janaína revelou que ao longo das reuniões as docentes construíam seus planos de aula e registravam no caderno da coordenação sugestões de figurinos, bibliografia, músicas e painéis, como o que falava do frevo, onde foram utilizadas fotos em ímã de geladeira com um casal de cangaceiros com o rosto do aluno. Além disso, muitas mães se ofereceram para confeccionar roupas e adereços para os coleguinhas de seus filhos.

As docentes se utilizaram de várias estratégias – audiovisuais, quadro virtual, impressos, contação de histórias, expressão corporal – para trabalhar o projeto alinhado com o conteúdo curricular. O tema da turma de 5º ano da professora Elionice Soares Alves foi a “Quadrilha da Jardineira”. Esta dança tem como particularidade ter sido exclusiva para salões da elite do Brasil Colônia e Império. Um dos conteúdos focados em suas aulas de Ciências Sociais diz respeito ao consumismo, ao desperdício e à reutilização. Assim, as crianças foram sensibilizadas a usar a



A culminância do Festival de Folclore do Centro Educacional André Luiz contou com apresentações de dança, artes visuais, música e teatro

roupa da festa junina e os meninos a fazerem o suspensório sob a calça *jeans*. Para a dança da “Jardineira”, as alunas prepararam seus antigos bambolês, decorados com flores. O resultado ficou lindo e delicado.

Com a expressão corporal, a entonação e o respeito para que todos os colegas pudessem brilhar no mesmo palco durante todas as apresentações demonstrou-se que o processo de aprendizagem contou com elementos poderosos, como a parceria, a troca e o lúdico, que foram fundamentais em todo o trabalho. Segundo a professora de teatro Ethiene Cristina da Silva, técnicas de relaxamento corporal, aquecimento vocal, entre outras, ajudam o aluno a se relacionar com o grupo entendendo que ele pode ser uma pessoa tranquila, que valorize a fala do colega. “Busco trabalhar a questão do respeito, do aprender a escutar o outro, e a esperar sua vez para falar, andar, interagir. Quando me apresentei às turmas, pedi que fizessemos um código de conduta. Eles foram falando o que não queriam e eu escrevia. Ao final, reli todas as normas e eles concordaram. De vez em quando alguém lembrava que o colega estava infringindo as regras”, citou Ethiene, mas afirmou que atualmente as crianças quase não tocavam no acordo, pois internalizaram as normas que eles mesmos criaram, como não falar enquanto o colega se expressava.

Em dois momentos, na saída dos turnos da manhã e da tarde, pais e responsáveis puderam ver as “artes” de seus filhos, orientados pelo quadro de docentes. Com o tema “Sapo Cururu”, as professoras do Berçário estimularam a oralidade através de atividades como a música e o som que este anfíbio produz, o coaxar. Muitas histórias foram contadas em que foi utilizada a técnica de fantoches. Entre



as brincadeiras dirigidas, as que focavam na coordenação psicomotora com o movimento de pular. A cor verde também foi bastante explorada com as bolas de gás decoradas com olhos e bocas desenhados e membros superiores e inferiores em cartolina colada.

Feliz e orgulhosa com a apresentação do filho Gabriel, 13 anos, no 5º ano, Andrea Torres elogiava a dedicação da escola em estimular os jovens através das artes. “Meu filho se desenvolveu muito neste colégio. Ele está aqui há dois anos e gosto muito de como elas usam a cultura para que a criança entenda as matérias”, disse contente a mãe do aluno.

Centro Educacional André Luiz
 Rua Miguel Rangel, 306/316 – Cascadura –
 Rio de Janeiro – RJ
 CEP: 21350-200
 Tels.: (21) 3390-6930 / 3903-2202
 E-mail: colegioceal@gmail.com
 Diretora-geral: Edna Paixão
 Coordenadora Pedagógica: Janaína Jesus
 Fotos: Sandra Martins / Cedidas pela escola



Conhecendo um pouco mais o português do Brasil

Sandro Gomes*

Frequentemente ouvimos falar da extraordinária coesão que apresenta a língua portuguesa num país de dimensões continentais como o nosso. Em geral pode-se afirmar que os brasileiros de norte e sul se entendem sem maiores problemas. Mas você sabia que existem vários dialetos no português falado no Brasil? É isso que vamos conhecer a partir de agora. Segundo os gramáticos são 16 os dialetos regionais brasileiros. Saiba quais são:

Baiano, Brasiliense, Caipira, Costa Norte, Carioca, Florianopolitano, Fluminense, Gaúcho, Mineiro, Nordeste Central, Nortista, Paulistano, Recifense, Serra Amazônica, Sertanejo, Sulista.

Algumas curiosidades sobre esses falares regionais:

– Segundo os historiadores de nosso idioma, a primeira célula de uma língua portuguesa “brasileira” teria surgido no século XVIII em torno da exploração de pedras preciosas nas Minas Gerais. Até então se falava no país o português típico do colonizador e a língua geral, formada por idiomas indígenas, que até essa época era a mais utilizada pela população.

– Não existe no Brasil um dialeto apontado como padrão. Contudo, pela maior expressão midiática e por serem as maiores metrópoles brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro, com seus dialetos (respectivamente paulistano e carioca), tendem a exercer influência maior sobre os demais falares. Mas a maioria dos estudiosos concorda que o falar carioca é o mais próximo de um dialeto padrão no Brasil.

– Por conta da ação dos bandeirantes nos primeiros séculos da colônia, a fala típica dos paulistas se espalhou por di-

versas direções do país. Sua influência chegou até o norte do Rio de Janeiro afetando o falar da capital carioca. Foi a chegada da família real à cidade em 1808 que mudou esse panorama. Vindo junto com a corte algo em torno de 14 mil portugueses, a fala dos cariocas foi profundamente alterada, dando origem ao dialeto que, como vimos, é tomado como o padrão do país.

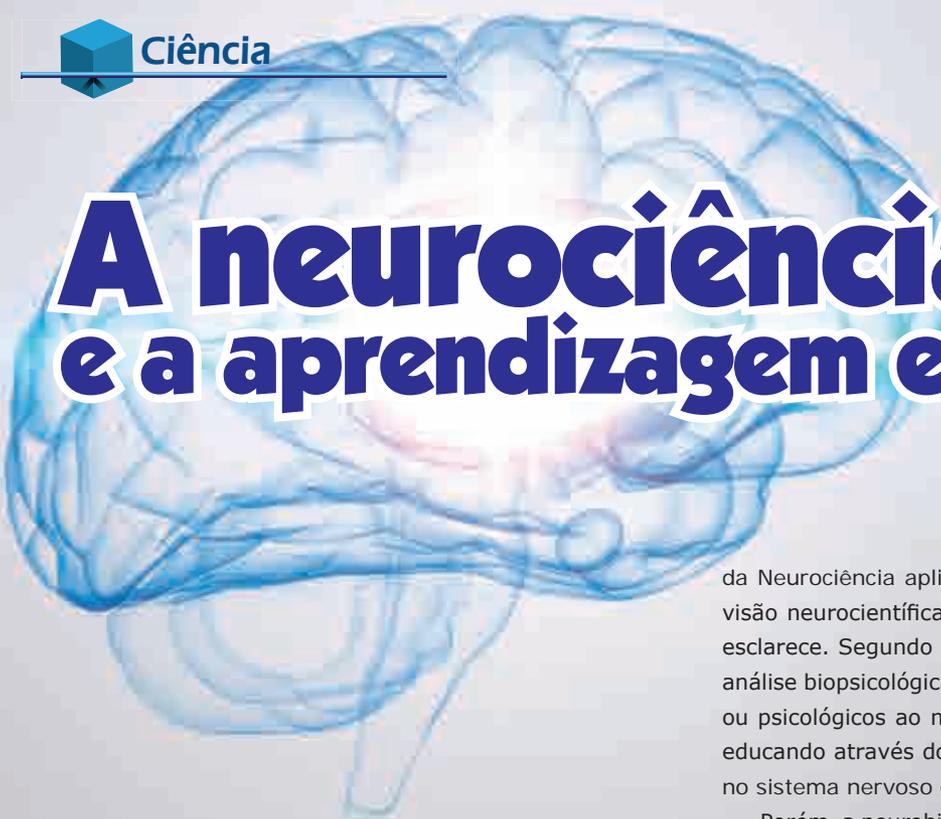
– Essa língua falada e espalhada pelos bandeirantes hoje compreende o dialeto caipira, um dos mais estudados do Brasil, e que atualmente é praticado em todo o interior de São Paulo, sul de Goiás, norte do Paraná, partes de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, sul de Minas Gerais e Triângulo mineiro.

– O dialeto nortista é o que abrange a maior área geográfica. Entretanto, por abranger em grande parte a região da Amazônia, é falado por grupos que se localizam distantes uns dos outros. O resultado é que os estudiosos identificam a existência de subdialetos, ou seja, formas diferenciadas de usar o mesmo dialeto.

– Alguns autores ainda se referem a outros dialetos além dos que citamos aqui, indicando ainda outros falares que poderiam ser tratados como dialetos. São exemplos o Interiorano, falado em certas regiões do agreste nordestino; o Mateiro, utilizado na zona da mata também do Nordeste; e o Cearense, falado em certas regiões deste estado.

Amigos, muitos outros dados interessantes poderiam ser aqui colocados, mas por outro lado muito ainda há a ser estudado sobre os falares regionais brasileiros. Os idiomas, como afirmam os linguistas, são a expressão da vida e da cultura dos seus falantes. E a “língua brasileira” não foge a essa máxima, retratando em seus inúmeros falares a imensa diversidade cultural do Brasil. Sobre esse assunto era isso. Até a próxima, pessoal!

*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Escritor e mestrando em Literatura Brasileira. Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.



A neurociência e a aprendizagem escolar

A Neurociência estuda o sistema nervoso central em seu pleno desenvolvimento, nos aspectos neuroquímico, biológico, anatômico, fisiológico, psicológico, emocional e social, com objetivo de compreender o comportamento humano. Além disso, a neurociência pode ser uma grande aliada no processo de aprendizagem escolar. Quem explica isso e outras questões é a neurobióloga e especialista em Fisiologia humana, Marta Pires Relvas, em entrevista exclusiva para a Revista Appai Educar. A estudiosa também é autora de diversos livros ligados ao tema e oferece palestras na Associação, através do benefício de Educação Continuada.

De acordo com Marta, a Neurociência considera o comportamento humano como a “ponta do *iceberg*”, pois é o quanto o indivíduo percebe, de si mesmo e nos outros, a relação afetiva e emocional no convívio humano no cotidiano, sendo considerada uma das tarefas mais difíceis realizadas pelo nosso cérebro. “A Neurociência contribui com saberes científicos para que o humano aprenda: ‘aprenda a aprender’, a conviver, a ser e a fazer com que as informações recebidas por estímulos extrínsecos sejam transformadas pelos processos significativos da aprendizagem na conquista do pensar reflexivo com autonomia e que esse possa ser aplicado em situações necessárias para a vida”, explica a neurobióloga.

A especialista aponta ainda uma ligação entre a Neurociência e a aprendizagem escolar. “Cresce a necessidade de o professor reconhecer e incorporar o conhecimento do funcionamento do sistema nervoso e seu desenvolvimento para enriquecer a sua prática de ensino. O estudo e o uso

da Neurociência aplicada à educação perpassam por uma visão neurocientífica do processo de ensinar e aprender”, esclarece. Segundo ela, contribui na identificação de uma análise biopsicológica – que possui elementos biológicos e/ou psicológicos ao mesmo tempo – e comportamental do educando através dos estudos da anatomia e da fisiologia no sistema nervoso central.

Porém, a neurobióloga afirma que esses conhecimentos ainda não são acessíveis para muitos professores, mas a busca por essas informações é algo cada vez mais presente. “Importante ressaltar que a Neurociência não é um estudo que salvará a Educação, não vem com fórmulas prontas, mas sem dúvida poderá auxiliar o professor a pensar melhor suas estratégias pedagógicas”, afirma. Atualmente, algumas instituições de ensino oferecem cursos de especialização para que os professores possam se atualizar e pesquisar mais sobre o assunto. De acordo com Marta, é necessário que os educadores tenham uma dedicação específica para os estudos, pois se trata de uma atividade que demanda uma extrema relação entre o cérebro cognitivo e funcional com as estratégias das propostas pedagógicas.

A especialista afirma ainda que não é coerente conceber uma escola inclusiva se ela não promove a integração. “Quando falo em inclusão e integração é para todos os envolvidos no processo de aprender, não apenas para aqueles que apresentam alguma limitação física aparente. Compreender que os “atrasados” não existem no processo educacional e que todos, independentemente das dificuldades, têm direito a uma escola que promova uma aprendizagem cognitiva, motora, afetiva e social. Essa é a maior tarefa da sociedade humana, pois somos “diferentes” em nossa totalidade”, afirma.

Para ela, o maior desafio da escola é partir em busca do aproveitamento da potencialidade da inteligência, tendo como objetivo o sucesso de seus estudantes. “Porém, também é bastante provável que, uma vez que especialistas em Neurociência e Educadores consigam estabelecer um diálogo mais frequente entre os saberes, toda a comunidade escolar saia ganhando”, analisa Marta.

A importância de entender o assunto

Os livros têm papel fundamental no aprofundamento de temas ligados à Neurociência. A especialista, que é autora de seis obras, aborda diversos temas que podem auxiliar docentes e demais interessados no assunto. Segundo ela, os livros têm uma linguagem importante sobre os distúrbios, dificuldades e transtornos de aprendizagem. “É muito necessário que eles reconheçam as diferenças entre estes termos, que aparentemente são conceituais, mas, no refinamento do olhar e da escuta desse professor, a distinção é importante”, explica.

De acordo com a neurobióloga, o professor como mediador do processo da aprendizagem dispõe de indicadores que possibilitam o diagnóstico mais preciso podendo, então, facilitar a prevenção ou o tratamento de uma determinada dificuldade. “O educador não precisa elaborar atividades educacionais diferentes para meninos ou para meninas, mas pode pensar em estratégias de ensino diferentes para atender as necessidades de cada gênero, se assim for percebido e escolhido pelos estudantes, pois o ato de aprender é desejante e permeia pelo interesse. Ele precisa reconhecer que as diferenças comportamentais do indivíduo ou no grupo são sempre mediadas pelo cérebro, e os hormônios e os neurotransmissores ganham uma importância nesses aspectos tanto no gênero quanto no sexo, desde o desenvolvimento embrionário até a fase adulta”, afirma.

Para ela, a Neurociência e o desvendar dos estudos do cérebro na sala de aula podem contribuir para uma educação mais justa e menos excludente. “Pois assim o educador tem a possibilidade de compreender melhor como ensinar, já que existem diferentes maneiras de se aprender. Além disso, entender que a melhor escola não é a que oferece um quantitativo de conteúdos sem significado, mas é a que estimula o pensar com compreensão. Ele precisa ter em mente que o cérebro dos educandos precisa receber informações pertinentes e significativas, e que essas perpassam necessariamente pelas relações afetivas, emocionais, cognitivas”, finaliza.

Marta Pires Relvas é Professora, Bióloga, Neurobióloga, Anatomista, Especialista em Fisiologia humana, Psicopedagoga, Bioética. Membro Efetiva e Associada da Sociedade de Neurociência e Comportamento. Pesquisadora na área de Biologia Cognitiva e Aprendizagem escolar. Professora do Curso de Pós-graduação em Neurociência Pedagógica da Ucam – Faculdade AVM Integrada – e da Universidade Estácio de Sá (RJ). É também autora de livros pela Editora WAK – Rio de Janeiro.

Colaboração: Jéssica Almeida





Instituto Moreira Salles

O Instituto Moreira Salles (IMS), fundado pelo embaixador e banqueiro Walther Moreira Salles, em 1992, tem por finalidade exclusiva a promoção e o desenvolvimento de programas culturais, que também estão disponíveis em São Paulo e Poços de Caldas, além do Rio de Janeiro. A unidade do Rio ocupa a antiga residência do fundador, uma propriedade com mais de 10 mil m², que se tornou em 1999 a sede do IMS. No espaço são oferecidas exposições, filmes, *shows*, além de abrigar os acervos de fotografia, música, literatura e iconografia. A própria casa, marco da arquitetura moderna dos anos 1950, é um atrativo para os visitantes.

O IMS atua também na área editorial publicando livros, catálogos de arte e periódicos. Priorizando a pesquisa, o acervo pode ser consultado de forma presencial ou mediante consultas *on-line*, através do *site*. O instituto tem um importante acervo fotográfico com cerca de 550 mil fotografias: o acervo musical conta com 25 mil gravações digitalizadas de nomes como Chiquinha Gonzaga, Pixinguinha e Elizeth Cardoso; o acervo bibliográfico, com 400 mil títulos, de autores do porte de Mario Quintana, Érico Veríssimo e Clarice Lispector; já o acervo de artes visuais é reunido em uma pinacoteca com

mais de três mil obras, priorizando a iconografia brasileira. Dessa coleção, fazem parte obras de Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Victor Brecheret, entre outros.

O instituto, que funciona de terça a domingo e feriados, das 11 às 20 horas, tem entrada gratuita para exposições e visita à casa. Para o cinema, os ingressos podem ser adquiridos na recepção do IMS ou pelo *site* ingresso.com. De terça a quinta, o valor é de R\$ 22,00 (inteira) e R\$ 11,00 (meia). Sextas, sábados, domingos e feriados, R\$ 26,00 (inteira) e R\$ 13,00 (meia). Em *shows* e determinados eventos, podem ser vendidos ingressos ou distribuídas senhas. Há também visitas educativas para escolas e grupos em geral. As solicitações devem ser feitas pelo *e-mail* educativo.rj@ims.com.br.

Instituto Moreira Salles

Rua Marquês de São Vicente, 476 – Gávea –

Rio de Janeiro/RJ

CEP: 22451-040

Tels.: (21) 3284-7400 / (21) 3206-2500

E-mail: ims@ims.com.br





Atleta da Appai é pódio na Maratona de São Paulo

O melhor brasileiro da competição, Edmilson dos Reis Santana, da equipe Appai, vive um dos seus melhores momentos no atletismo, é o que revelam seus últimos resultados. No domingo (19/10), o atleta da Appai brilhou na Maratona Internacional de São Paulo 2014, deixando para trás dois quenianos que fecharam o pódio com a quarta e quinta colocações, respectivamente. Concluindo a prova com o tempo de 2:20:19, o atleta foi o único brasileiro a subir ao pódio, conquistando a medalha de bronze. Resultado de um trabalho com muita humildade e dedicação ao lado da treinadora Domiciana Gomes.



enfrentaria na corrida. “Apesar de o nível técnico da prova ser bastante competitivo, com vários atletas da África, estou muito confiante em poder participar de uma prova dessa importância, pois pretendo melhorar ainda mais minha marca pessoal. Caso consiga subir ao pódio, ficarei muito feliz”, afirmou Edmilson.

Antes da prova, Edmilson postou em sua página do Facebook que estava confiante, porém sabia dos desafios que

Neste ano, o atleta foi o primeiro colocado na Maratona do Rio de Janeiro. Em 2013, também já tinha se destacado na Maratona Internacional de São Paulo, conquistando o 4º lugar na colocação geral. Edmilson garante que, depois dessa superação, os treinos continuam. “Venho me preparando bastante, com o apoio da Appai, para poder ter os índices para o Mundial de Atletismo 2015 e para as Olimpíadas 2016”, adianta.



Mais facilidade para você!

APP AI MOBILE

Benefícios Coletivos Básicos Ambulatoriais Médico e Odonto em suas mãos.

Baixe o aplicativo!



Em breve!



Cortejo de Maracatu especial no Pavilhão de São Cristóvão

Sandra Martins

Alunos da Escola Especial Municipal Marly Frões Peixoto comemoraram o Dia do Folclore, 22 de agosto, num local pra lá de especial: no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, no conhecido Pavilhão de São Cristóvão. A atividade integrou o projeto *Cultura Nordestina* e contou com a participação de toda a comunidade escolar – professoras e pessoal de apoio, além de seus responsáveis, que puderam compartilhar momentos de alegria com as danças folclóricas e um cortejo de maracatu.

A escola, que fica dentro da ABBR – Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação –, é uma das que fazem atendimento a alunos com necessidades educacionais da modalidade Educação Especial, localizada no Jardim Botânico, na Zona Sul da capital carioca. A escola pertence à rede de ensino fundamental do Município do Rio de Janeiro, subordinada à SME – Secretaria Municipal de Educação – e sob jurisdição da 2ªE/CRE, recebendo suporte pedagógico do IHA – Instituto Helena Antipoff.

O objetivo do projeto, segundo a coordenadora pedagógica Risomilda Tavares Florentino, foi incorporar os saberes do folclore e da cultura nordestina aos conteúdos para que os alunos pudessem conhecer a diversidade e dimensões sociais e culturais da região. A escolha do local das atividades contou com alguns aditivos importantes: a união de dois eventos expressivos, a Festa Junina e o Dia do Folclore, e a diversidade cultural nordestina latente num mesmo espaço, tendo como atrativos o artesanato, as comidas típicas, as bebidas, o folclore, a música e muita animação.

A vivência lúdica começou no ponto de encontro na entrada Padre Cícero onde está localizado o Espaço Memória, com a mostra Luiz Gonzaga do Brasil – 100 anos de Tradições Nordestinas! Após a acomodação dos alunos e seus responsáveis, Marcelo Fraga, assessor de imprensa da feira, expôs aspectos da vida e

da obra dos homenageados – 80 anos da morte do Padre Cícero e 25 anos de Luiz Gonzaga – e sobre a história do Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, que conquistou o Certificado Prata de Acessibilidade dado pela Prefeitura. “Estamos querendo avançar para o Ouro, eliminando todas as barreiras arquitetônicas, e transformar o Centro de Tradições Nordestinas em um lugar acessível a todos em todos os dias do ano”, afirmou Marcelo, ao convidar a escola, em nome do presidente do Pavilhão, Helismar Leite, a voltar no dia 22 de agosto de 2015, quando o espaço completará 70 anos e já com o Certificado Ouro.

Para Guilherme Nascimento Conceição, pai de Lucas, 16 anos, com paralisia cerebral e cadeirante, aquele convite deveria ser estendido a toda a cidade. “É preciso termos mais acesso aos bens públicos. A locomoção é muito complicada, não só as dificuldades com os ônibus, mas também as ruas e calçadas não estão preparadas para a cadeira de rodas”. A preocupação deste pai é a base conceitual da E. E. M. Marly Fróes Peixoto e de seu quadro de profissionais, de que a construção de uma sociedade inclusiva exige efetivar ajustes nas diferentes áreas de ação pública, de forma a garantir definitivamente o acesso de todos aos serviços disponíveis na sociedade.

A música Asa Branca, de Luiz Gonzaga, tocada pelo dueto de flauta e acordeão pelas professoras Lélia Brazil e Jaci Castro, encerrou a visita ao museu dando sequência à programação. Enquanto a apresentação acontecia era possível observar o olhar dos funcionários do comércio e de quem estava visitando a feira. Um olhar que, independente da vontade, denunciava a surpresa ao encontrar um grupo de crianças, jovens e adultos com múltiplas deficiências participando ativamente de um passeio pedagógico no Pavilhão de São Cristóvão. Segundo José Carlos, funcionário de uma loja de comidas típicas, era a primeira vez que via um grupo



de escola de alunos especiais. E, passada a surpresa inicial, comentou: “Qualquer um de nós, a qualquer hora, pode sofrer um acidente e ficar cego ou preso numa cama. Então temos que ter muito respeito e ver no que podemos ajudar, aprendendo com quem já lida com esta situação, como os pais e professoras”.

As docentes Ana Paula Faria de Brito e Ana Gomes disseram que o fato de estarem levando os alunos para fora do espaço escolar dentro de um projeto pedagógico já era um grande e importante movimento. “É uma forma de também mobilizar e sensibilizar a sociedade para esta questão da deficiência. Parece uma fala trágica, mas qualquer um de nós está sujeito a um acidente e se tornar um deficiente. Então a sociedade deve se mostrar mais sensível a isso e se reorganizar para que cada vez mais haja uma cidade para todos”, salientou Ana Gomes.

“Nosso trabalho segue o Projeto Político-Pedagógico totalmente adaptado às necessidades dos estudantes”, disse a coordenadora Risomilda. A escola hoje atende ao todo 51 alunos distribuídos em dez turmas em dois turnos. Eles apresentam dificuldades motoras, impedimentos na mobilidade,



Os alunos da Escola Especial comemoraram o Dia do Folclore no Pavilhão de São Cristóvão e puderam compartilhar momentos de alegria com as danças típicas



A escola tem como característica ser muito cultural, e uma das formas de comunicação mais lúdicas e de rápida assimilação é através das artes, como dança, música e as artes plásticas



problemas na comunicação, dentre outras necessidades de adequação ao ambiente físico e social. Para responder adequadamente a essas variadas demandas torna-se necessário um atendimento educacional individualizado.

“Investimos no aprimoramento do código comunicativo do aluno a fim de inseri-lo socialmente, contribuindo para a construção de uma realidade inclusiva”, disse Ana Gomes, ao citar que as argumentações curriculares que norteiam o que todos os alunos da rede municipal têm que estudar é adaptado. “Isso acontece tanto na reorganização quanto na ressignificação do conteúdo, assim como na adaptação de acesso, com uso de tecnologias que vão facilitar a mobilidade”, ressaltou, citando o exemplo do estudante que não enxerga ou que tenha baixa visão, que precisa de um papel aumentado, de uma caneta mais grossa, de um relevo. “Estes ajustes ocorrem de acordo com as necessidades do aluno, são individuais, como é o seu atendimento”.

A escola tem como característica ser muito cultural, muito plástica. E uma das formas de comunicação mais lúdicas e de rápida assimilação é através das artes. Usam todos os tipos de recursos multimídias, literatura, artes plásticas, dança, música, cujas respostas por parte dos alunos podem se dar de variadas maneiras. O professor precisa ter muita sensibilidade para perceber os sinais, que muitas vezes são sutis: através do olhar, do levantar de um dedo. É dessa forma que o conteúdo é dado. A partir da estimulação com a música as professoras mostravam as diferentes regiões, sua culinária, cultura. Jocinéia Santos, ou Jô Santos, docente de Educação Física, defende o desenvolvimento da parte afetiva, de ter o contato, de conhecer o aluno, buscar a resposta que ele transmitir com o corpo dele, com o olhar. “A consequência do aprendizado é focada no desenvolvimento. Se durante o processo o estudante conseguiu o que propusemos como objetivos então vamos avançando e caminhando com o projeto. A leitura deste aluno é diária. A cada dia temos que

conhecê-lo um pouco mais. Por isso a importância da criação de uma comunicação com ele, para que você o entenda através do olhar, dos gestos, para que possa ampliar e nortear seu planejamento”.

“A percepção à música ajuda na sensibilização e os retornos podem se dar pela pele – tocando a mão –, com o piscar dos olhos, com um leve sorriso”, ressaltou a professora de música Lélia Brazil, que tem como um de seus alunos Rodrigo, 24 anos, portador de paralisia cerebral com sequelas motoras. Para sua mãe, Maria das Graças de Almeida, que leva o filho desde os seis anos de idade para a E. E. M. Marly Fróes Peixoto, o trabalho desenvolvido pelas professoras possibilitou que ele não só aprendesse a tocar teclado usando o unicórnio com ponteira, mas também pudesse se alfabetizar e se aprimorar intelectualmente.

A condução das apresentações ficou por conta da professora Ana Lúcia Cunha, um misto de DJ e mestre de cerimônias, que convidava os presentes a aplaudirem as *performances* de alunos e suas mestras, sob o olhar atento das mães e cuidadoras. “Trabalhamos todas as músicas em todas as aulas. Especificamente na sala de leitura, onde atuo. Eu utilizei o livro e CD “Mistérios da Pindorama”, de Marion Villas Boas. Esta publicação, segundo a professora, é bastante interessante por usar várias formas de expressão – literatura, artes plásticas e artes gráficas – e trazer uma seleção musical focada nos ritmos populares das diversas regiões brasileiras: carimbó, coco, ciranda, sertanejo, maracatu, ritmos utilizados nas danças de quadrilha, xaxado e cortejo de maracatu, danças apresentadas pelos alunos com as professoras.



Você sabia?

Agora ficou bem mais fácil
pesquisar os Profissionais Colaboradores
dos benefícios coletivos ambulatoriais
Médico e Odonto da Appai.

Você **não precisa mais se logar** no Portal do Associado.
Basta entrar na página dos benefícios Médico e Odonto,
no site da Appai, e fazer a sua consulta com mais rapidez e comodidade.

www.appai.org.br

appai





Identidade cultural

O intuito do projeto é trabalhar a diversidade da nossa cultura

A formação da identidade da criança está permeada de perguntas como “Quem eu sou?”, “Como são as pessoas que convivem comigo?”, entre outras. As respostas para essas questões são essenciais para a construção da personalidade. Pensando nisso, a Escola Municipal Luís Carlos da Fonseca, que fica em Madureira, criou o projeto *Identidades*, cujo intuito é fazer com que os alunos percebam que têm uma história de vida, que fazem parte de uma família, de uma comunidade, e que são componentes de um universo.

Além disso, com o projeto as crianças têm a oportunidade de compreender melhor sua história e o quanto poderão ser importantes para a própria vida e para os que convivem com elas. Vão poder construir uma imagem positiva de si próprias, ampliando sua autoconfiança, identificando cada vez mais suas limitações e possibilidades e agindo de acordo com elas. Além de adotar hábitos de autocuidado, valorizando as atitudes relacionadas com higiene, alimentação, conforto, segurança, proteção do corpo e cuidados com a aparência, terão mais condições de identificar e enfrentar situações de conflitos, utilizando seus recursos pessoais, respeitando as outras crianças e adultos e exigindo reciprocidade.

Para contextualizar o projeto foram organizadas diversas atividades lúdicas, com intuito de favorecer a construção da identidade das crianças, como parte do processo de formação pessoal e social. Para o 3º bimestre foi criado um subprojeto, intitulado *Identidade Cultural*, que abordou as cinco regiões do Brasil, onde cada turma ficou responsável por uma, assim como suas danças e comidas típicas.

Entre as estratégias elaboradas havia a apresentação do Brasil como um todo, depois aparecendo as regiões e o estudo de cada uma com foco na formação do povo brasileiro e suas práticas culturais. A partir daí, foi feita a divisão das regiões por turma, para que cada uma estudasse suas

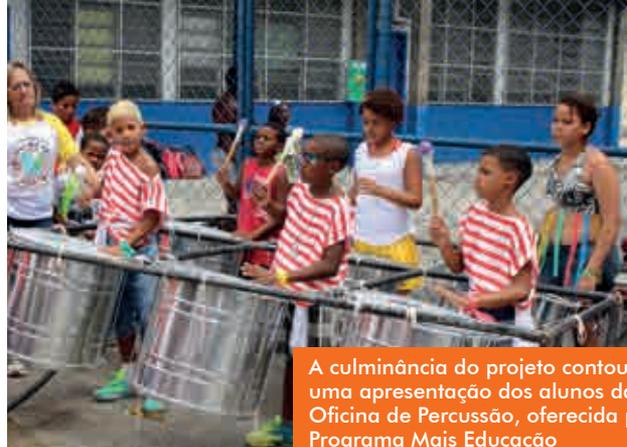


peculiaridades e pudesse desenvolver trabalhos sobre o conteúdo aprendido. Houve também apresentação de seminários, filmes e leituras compartilhadas para que toda a comunidade escolar se ambientasse.

A professora Michele Batista Ferreira ficou responsável pelas turmas 1.301 e 1.302, que correspondem ao 3º ano do Ensino Fundamental I, e trabalhou com a região Centro-Oeste. “Começamos falando sobre o nome de cada um, a origem, e para isso eles mencionaram a própria identidade. A partir daí, os pequenos descobriram que moravam no Brasil e que o Brasil ficava no Mundo. Depois aprenderam que existem outros países, além do nosso, bem como outros estados, além do Rio de Janeiro. Com isso, fizemos diversas pesquisas e um novo alfabetário (já havia um na turma), que abordou somente coisas do Centro-Oeste”, explica.

Segundo ela, são de suma importância os trabalhos sobre as regiões do Brasil e suas peculiaridades. “Partimos do pressuposto de que a educação vem deles, que por isso devem se interessar, se descobrir. É preciso fazer com que percebam o que podemos realizar de bom e como contribuir para um mundo melhor. Principalmente, ampliar os conhecimentos desses alunos e mostrar que existem muitas coisas além do que eles já conhecem. O melhor de tudo é que são muito participativos e interessados”, elogiou a professora.

A culminância do projeto contou com a entrega da primeira edição do Jornal Escolar, desenvolvido na Oficina do Jornal, exposição de trabalhos, apresentações de dança e da Oficina de Percussão. Ambas as oficinas são oferecidas pelo Programa Mais Educação. O evento contou também com apresentações dos estudantes do Instituto de Educação Carmela Dutra, que fica ao lado da escola. A diretora Sílvia Neves explica que essa participação se deve ao fato de terem uma professora em comum, Michele Ferreira. “Sempre aproveitamos as culminâncias de projetos para convidar os



A culminância do projeto contou com uma apresentação dos alunos da Oficina de Percussão, oferecida pelo Programa Mais Educação

futuros docentes e aproximar os estudantes da realidade escolar. Acreditamos que as apresentações promovem a integração entre as escolas e a comunidade, ampliando a visão do aluno. Essa parceria estimula as práticas culturais educacionais das escolas participantes”, esclarece a diretora.

EXPOSIÇÃO SOBRE O CENTENÁRIO DO MERCADÃO DE MADUREIRA

Além dos trabalhos e apresentações musicais, a culminância do projeto contou com uma exposição sobre o centenário do Mercadão de Madureira e uma palestra com o historiador Ronaldo Luiz Martins, do IHGBI (Instituto Histórico Geográfico Baixada de Irajá). “Nosso objetivo com as exposições é, justamente, divulgar o conhecimento local, trazendo diversas informações e pesquisas para as escolas”, explica.

O instituto desenvolve esse trabalho nas escolas, que, segundo Ronaldo, funciona da seguinte forma: é apresentado o material, que fica à disposição da instituição. A partir daí, o instituto apresenta uma exposição sobre o bairro ou algum local específico daquela região. “Explicamos a história do lugar e os diversos aspectos da região, damos ênfase a uma particularidade do entorno da escola trabalhada. A partir daí, marcamos uma ou mais palestras para os alunos e uma atividade de campo”, afirma o historiador.

Ronaldo destaca ainda a importância de trabalhos como esse para o ambiente escolar. “Essas exposições e palestras são de suma importância, principalmente porque promovem a integração. Normalmente as pessoas têm muito mais conhecimento externo do que interno, ou seja, as pessoas conhecem mais outros lugares, do que o próprio bairro em que habitam. Conhecendo melhor o local onde vivem, elas podem usufruir melhor do espaço e entender sua história”, conclui.

Colaboração: Jéssica Almeida



O historiador do IHGBI, Ronaldo Luiz, ofereceu uma palestra e exposição sobre o centenário do Mercadão de Madureira

Escola Municipal Luis Carlos da Fonseca
Rua Leopoldino de Oliveira, 51 –
Madureira – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21360-060
Tel.: (21) 3457-7720
E-mail: emluisf@rioeduca.net
Diretora: Sílvia Regina Neves
Diretora adjunta: Cristiane Castro
Fotos: Leonardo Mega (Comunicação)



Claudia Sanches

Despertar no aluno o desejo de estudar, buscar uma profissão, sonhar. Segundo a coordenadora da Escola Municipal Zuleika Nunes de Alencar, Sônia Magalhães, esse foi o objetivo primordial da *Semana de Profissões 2014*.

A coordenadora conta que a ideia do trabalho surgiu com a proposta do professor de Matemática Claudio Freire, que ela decidiu adaptar para toda a escola. "Como já queria desenvolver essa temática, estendeu o programa a todas as turmas de 8º e 9º anos. Esses alunos muitas vezes não recebem orientação dentro de casa e terminam o Ensino Fundamental sem um plano para o futuro. Há muito tempo sentia necessidade de orientar o corpo discente a estar preparado para conhecer um pouco do mercado e aproveitar seu potencial e talentos".

Para a diretora adjunta Carla de Pinho, existe muita desinformação e era preciso abrir as perspectivas desses jovens sobre as novas possibilidades profissionais atuais e oferecer orientação: "Essa clientela desconhece um setor muito promissor, que é o Ensino Médio profissionalizante, em detrimento da formação acadêmica".

O objetivo principal era que eles conhecessem todas as possibilidades de escolas técnicas. Para isso cada turma teve um professor coordenador e ficou responsável por uma instituição, como Cefet, Faetec, Pedro II, IFFRJ, CAP e Nave. Os alunos se dividiram em equipes que estudaram os cursos que cada uma oferece. Antes das apresentações da semana das profissões, cada turma apresentou um seminário, com cartazes e trabalhos escritos, sobre sua pesquisa.

Durante a atividade, corpo docente e estudantes puderam assistir palestras de diversos profissionais, de diferentes áreas de atuação, e apresentar seus trabalhos e vocações. Um dos palestrantes, André Machado, professor da área de Gestão Administrativa da Faetec, através da Formação Inicial Continuada (FIC), estimulou os jovens a sair das escolas de Educação Fundamental e a conhecer as oportunidades de formação técnica.

Dentre as novas ocupações, uma daquelas pelas quais os jovens mais se interessaram foi a automatização de postos de gasolina, uma área da informática com oferta de emprego e pouca demanda de pessoal qualificado. Outras também foram muito escolhidas, como segurança do trabalho e maquiagem, esta última uma descoberta para alunos e educadores: "Não sabia que esse campo era tão vasto. Há maquiagem para todas as ocasiões, televisão, doentes e até finados", confessa Sônia. A professora Ana de Eggbert falou sobre sua profissão, técnica de edificações, voltada para a área da engenharia civil, um campo em expansão no *boom* da construção civil. "Para começar, um técnico de nível médio ganha nessa tarefa aproximadamente R\$ 2.000,00. O trabalho não impede que o jovem sonhe em cursar uma faculdade de Engenharia por exemplo. Já está no caminho, uma vez que aprende a lidar com todas as ferramentas, aulas práticas de esquadrias, ferragem, topografia. Achei muito interessante essa iniciativa dos educadores", explicou Ana, que apresentou as instituições de ensino que oferecem o curso. Já o fotógrafo Marcelo Ávila falou sobre fotografia e suas vertentes, desde a área de produção de eventos, estúdio, até o fotojornalismo, o campo de atuação tido como o mais interessante e dinâmico.

O aluno Igor Pinto, do 9º ano, quer estudar engenharia mecânica e gostou muito da palestra de Ana. "Ela explicou a diferença entre o engenheiro e o técnico. Não existe o pior e o melhor, um ajuda o outro, os profissionais trabalham em conjunto", relata ele, que não descarta a possibilidade de se inscrever para a prova do Ensino Médio. Igor também gostou de conhecer outras profissões, como a automatização dos postos de gasolina. São atividades técnicas que têm a ver com o sonho do estudante: ser um engenheiro de plataforma da Petrobras e trabalhar com o Pré-sal.

Jennifer Freitas, do 9º ano, se identificou com o trabalho da Nave, uma instituição parceira da escola, e pretende fazer prova para o colégio no Ensino Médio. "Gostei muito de Administração de Empresas. Passei a entender melhor a área depois da palestra sobre gestão. Achei que fosse só trabalhar em um escritório fechado o dia inteiro. O encontro foi finalizado com apresentação do "The Voice Zuleika", inspirado no programa "The Voice Brazil", da Rede Globo, e muitos estudantes revelaram seu lado artístico e se divertiram com as apresentações dos colegas artistas.

Segundo o diretor do colégio, Alexandre Sosinho, a escola é marcada por uma tradição de despertar talentos artísticos, e o evento é uma oportunidade de o jovem conhecer o mercado de trabalho e descobrir sua vocação. "Nesses 15 anos de direção temos visto nossos alunos se encaminharem profissionalmente, temos esse retorno através das redes sociais, e é muito gratificante. O foco é mostrar algo além do que essa clientela sonha, ou seja, ser jogador de futebol, MC ou dançarina. Os educadores têm que ter essa função,



de abrir os horizontes. Muitos desconhecem o valor de qualificações como, por exemplo, técnico em panificação, que é um mercado muito promissor dentro das novas profissões, e que, a princípio, eles viam como algo 'menor'. Hoje existem empresas que contratam jovens para jogar *videogames* para testar novos programas", lembra Alexandre.

Sônia pediu que todos os alunos fizessem um relatório sobre as palestras e falassem um pouco sobre seu projeto de vida e o que significou o evento para eles. Os professores continuaram a atividade conversando em sala de aula. "Podemos conhecer um pouco mais da realidade do aluno e ver com que áreas se identificaram. Muitos já estão fazendo inscrição para as escolas técnicas. Nosso objetivo foi alcançado, mostrar a realidade do mercado, as possibilidades à disposição e estimular esse educando a sonhar com um futuro possível e melhor", conclui a coordenadora.

Escola Municipal Zuleika Nunes de Alencar
Rua Des. Antonio Pereira Pinto, 400 – Barra
da Tijuca – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22793-070
Tel.: (21) 2433-1530
E-mail: emzalencar@rio.rj.gov.br
Direção: Alexandre Sosinho
Fotos: Marcelo Ávila



História e cultura africana em jogo

Atividade lúdica tem o objetivo de erradicar o racismo e possibilitar que educadores de todas as áreas do conhecimento implementem a Lei 10.639

Marcela Figueiredo

Sankofa: palavra de origem africana, representada por um pássaro com a cabeça voltada para trás e carregando um ovo em seu bico. Pode ser interpretado como a necessidade de voltar ao passado para ressignificar o presente e construir um futuro diferente. Também foi o vocábulo escolhido por Denise Fernandes, gestora da Escola Municipal Ondina Couto, para dar nome ao projeto pedagógico interdisciplinar que tem o objetivo de valorizar a história do povo africano através de uma atividade lúdica que envolve professores e alunos.

A ideia surgiu da necessidade de implementar a Lei nº 10.639, de forma que professores de diferentes áreas do conhecimento pudessem dar visibilidade à história e à cultura africana utilizando um jogo. “Ao longo do tempo, percebi que a maior parte dos trabalhos relacionados ao tema era aplicada somente por professores de História, Geografia e Artes. Através de pesquisas, descobri que o legado africano é muito grande e pode ser trabalhado por diferentes disciplinas. Foi então que decidi desenvolver o jogo Sankofa”, explica Denise Fernandes.

O projeto consiste em envolver educadores e educandos em um jogo de perguntas e respostas onde o objetivo é dar visibilidade aos feitos históricos e às personalidades africanas. O primeiro passo foi realizar uma pesquisa sobre líderes

negros, características do espaço geográfico, religiões predominantes, dialetos, escritores, músicas, pintores, danças, instrumentos e todas as outras informações pertinentes. Após a análise dos primeiros dados, foi elaborado um questionário composto por cinquenta perguntas e respostas relativas à cultura africana em nosso cotidiano. No início do jogo todas as respostas são expostas em um grande mapa do Continente Africano. Os participantes se reúnem em círculo, sorteiam as perguntas e precisam identificar no mapa as respostas correspondentes. Fazem parte do questionário perguntas como: “Qual país do continente africano é conhecido como o berço da matemática?” e “Qual é a substância que dá pigmentação à nossa pele e que se encontra em maior proporção na pele negra?”.

Engana-se quem conclui que o objetivo do jogo é acertar o máximo de respostas possíveis. No *Sankofa*, de uma forma ou de outra, todos ganham, pois o objetivo é adquirir conhecimento e, com isso, contribuir para a erradicação do racismo na sociedade. “As crianças entendem a África somente devido à escravidão, quando na realidade o continente existe desde muito antes desse fato histórico. Com o projeto, meu desejo foi erradicar tais estereótipos”, esclarece a educadora.

Inicialmente, o jogo foi utilizado como material de formação continuada dos profissionais de educação lotados na Escola Municipal Ondina Couto. A especificidade é que, ao



encontrar a resposta correta, o docente deve explicitar como desenvolveria o assunto da pergunta em sua disciplina. Caso não saiba responder, os demais docentes devem discutir e propor formas de aplicabilidade do tema com os alunos. “Uma característica importante do jogo é que ele possibilita o desenvolvimento de outros trabalhos em sala de aula. O professor atento e comprometido com a temática consegue criar outras atividades a partir do *Sankofa* e com isso contribuir com a valorização da cultura africana de maneira lúdica. O jogo é um suporte para os professores de todas as séries e disciplinas”, completa Rimara França, coordenadora pedagógica.

Ao longo de dois anos, a idealizadora do trabalho recebeu convites para compartilhar sua experiência em faculdades que formam profissionais de educação, entre elas, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a Estácio de Sá e a Unig. Aproximadamente 150 professores foram capacitados para aplicar o projeto em suas escolas. Denise Fernandes também foi contemplada com o *Premio Ipatewó* – termo que em iorubá significa aplauso –, oferecido pelo Instituto Raízes de Áfricas.



O projeto consiste em desenvolver um jogo de perguntas e respostas onde o objetivo é dar visibilidade aos feitos históricos e às personalidades africanas

Escola Municipal Ondina Couto
Av. Brasil, 1.315 – Coreia – Mesquita/RJ
CEP: 26556-005
Tel.: (21) 3763-9792
E-mail: emocouto@mesquita.rj.gov.br
Diretora: Denise Fernandes
Fotos cedidas pela escola



Cuide-se...

O papel da educação na promoção da saúde e qualidade de vida

Claudia Sanches

A educação alimentar e os cuidados com a saúde são valores que deveriam ser corriqueiros na rotina de crianças e jovens. De acordo com o Decreto Federal 6.286, de 2007, os ministérios da Educação e da Saúde preveem abordagem do tema no currículo escolar. Os educadores do Ciep Aarão Steinbruch sentiram então necessidade de desenvolver, com sua clientela, que abrange os ensinos Fundamental e Médio, o projeto *Cuide-se*.

A diretora adjunta Ana Cátia Rodrigues relata que os estudantes abordaram todas as questões ligadas à saúde, como alimentação, prática desportiva, saúde mental, prevenção de doenças, inclusive as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e as drogas. O amadurecimento emocional, segundo Cátia, é visível na garotada: “Os professores sentiram a seriedade durante todo o trabalho. Conversamos sobre como era nossa época de estudantes, em que não se tratava de certos temas na escola, enquanto hoje eles vivem uma situação privilegiada de poder, através da informação, se prevenir e escolher seus projetos de vida”.

Muitos alunos já começam a pensar em difundir as informações adquiridas. É o caso de Nilson, do 1º ano, também da turma das DSTs, que falou sobre as hepatites B e C. “Descobri não só as doenças, mas as formas de prevenção. Vou conversar com minha família e amigos”, diz o jovem, que se torna mais um multiplicador dentro da sua comunidade.

Luana, que desenvolveu o tema das DSTs, teve a iniciativa de ir a um posto de saúde para adquirir o preservativo feminino e tentar se vacinar contra o vírus HPV. Segundo a aluna, que realizou uma pesquisa sobre o assunto, a maioria das mulheres não aprova a camisinha feminina: “Elas acham difícil de aplicar, é muito mais cara que a masculina, não é fácil encontrar e incomoda no ato sexual. Fui ao posto de saúde e descobri que essa vacina só é oferecida gratuitamente a meninas na faixa etária de três a dez anos, e que custa entre 500 e 1.000 reais de acordo com as pesquisas que fiz na Internet e em clínicas especializadas”, conta Luana. Outro tema fundamental nos dias de hoje foi “Drogas Lícitas e ilícitas”. O professor de Sociologia Hélio Ventura escutou o grupo abordar

a questão sem preconceitos. Foram citadas desde as drogas lícitas, como o álcool e medicamentos, até as ilícitas. “Eles demonstraram que estão preparados para apresentar. A realidade atual requer que esses jovens estejam esclarecidos”, afirmou o docente.

Nessas descobertas eles rompem com muitos estereótipos e aumentam a consciência em relação às responsabilidades de cada um dos cidadãos, como ocorreu com a aids. “A transmissão se dá através de feridas. Tem de haver contato entre sangue, como no caso de machucados. As pessoas podem compartilhar copos, talheres e lençóis. Ainda há bastante preconceito, muitos têm medo de abraçar, apertar a mão”, afirma Lucas. O alicate de unha é um outro instrumento com que se deve ter bastante cuidado, por ser um potencial transmissor da hepatite C, um vírus mais resistente. “Ele deve ser esterilizado em estufas próprias”, alerta. Outros grupos também levaram informação a respeito das pesquisas realizadas no mundo inteiro para curar doenças como a aids, o ebola e o diabetes. Gabriela levou para os visitantes informações de estudos de ponta realizados nos Estados Unidos, Europa e Brasil, e como os pesquisadores estão investindo na luta contra as doenças infectocontagiosas.

A professora de Matemática Ellen Ribeiro convidou, para falar sobre alimentação saudável, a nutricionista Ana Cristina, que trouxe informações atualizadas sobre o tema, como a nova pirâmide alimentar e os dez piores alimentos do mundo, dentre os quais os refrigerantes de cola, *nuggets* e salsichas. Para completar, a nutricionista falou de uma realidade que piora o quadro: o sedentarismo. “Minha vó, quando queria mudar de canal, levantava e ia até a televisão, e não existiam escadas rolantes. No mundo atual você é estimulado a não se movimentar. As crianças não brincam mais, as praças estão vazias”, lembra Ana. Para finalizar, ela deu algumas sugestões



Os estudantes abordaram todas as questões ligadas à saúde, como alimentação e prevenção de doenças, inclusive as DSTs e as drogas

para fazer trocas inteligentes, de alimentos a hábitos. O 3º ano do Ensino Médio levou uma proposta completa dentro do tema qualidade de vida. A turma montou um circuito que envolvia a medição do Índice de Massa Corporal (IMC), informação sobre a importância da atividade física e alimentação saudável e uma proposta de exercício físico, além da reflexão sobre as consequências de uma vida sedentária, o que atraiu professores, alunos e visitantes do Ciep.

Thayane, do 3º ano, participou do grupo que projetou uma discoteca. A ideia era mostrar que a dança e a música também estão relacionadas à saúde física e mental. Quem visitou a sala pôde dançar todos os ritmos através de um *game*, ouvir música ao vivo e conhecer muitos repertórios diferentes. “A música é uma forma de expressar o sentimento através do som, trabalhar a coordenação motora e o reflexo, além de ser um excelente exercício”, diz a aluna Viviane. Cátia lembra que partir da realidade deles é fundamental: “Buscamos experiências dentro do universo da garotada, temos que atender suas necessidades”.

A diretora Judith Batista acredita que o projeto tem um impacto grande na aprendizagem e abre as perspectivas para as escolhas que vão fazer em suas vidas. Fazemos a proposta, o estudante vai buscar e aprende de uma forma prática. Todos os recursos vêm deles. Eles é que têm que inventar, exercitar a criatividade sem a nossa intervenção. Os alunos estão acostumados a receber. Nos projetos eles vão buscar as respostas e percebem que é preciso muito esforço para conquistar seus sonhos. Isso traz muita experiência. As vezes esse trabalho é mais valioso que a sala de aula e a gente acaba aprendendo com eles. Muitas informações eu obtive hoje aqui com esses jovens”, conclui a diretora.



A ideia do grupo que projetou uma discoteca era mostrar que a dança e a música também estão relacionadas à saúde física e mental

Ciep 201 Aarão Steinbruch
Av. Presidente Kennedy, s/nº – São Bento
– Duque de Caxias/RJ
CEP: 25010-006
Tel.: (21) 3659-1464
E-mail: aaraorico@yahoo.com.br
Direção: Judith Batista
Fotos: Marcelo Ávila



Ensaaios sobre o amor



Trabalho com arte desperta motivação nos jovens do Ensino Médio

Claudia Sanches

Trabalhar com jovens do Ensino Médio é um desafio nos dias de hoje. Com um mundo cheio de tecnologias e atrativos, é preciso ter estratégias para lidar com essa clientela e prepará-la para o mercado de trabalho. Por isso todos os anos a Escola Brito Elias desenvolve programações com os adolescentes relacionadas aos conteúdos de sala de aula.

Para Alice Lima, coordenadora do Ensino Médio, nessa fase em que os estudantes estão se preparando para os concursos, é fundamental não se esquecer do pensamento crítico, do valor da arte e da cultura, motivação para atrair o jovem e mantê-lo feliz no ambiente escolar. "O colégio proporciona a eles um espaço para se reconhecerem, trazemos seus valores para a sala de aula e diminuimos o hiato que há entre o prazer e a escola. Nós acolhemos seus talentos, mostramos o potencial e eles se sentem acolhidos, valorizados", afirma. O projeto Sarau Literário é uma das formas de estimular a liberdade de pensamento e expressão. Companheiros de turma, educadores e responsáveis se divertiram e ao mesmo tempo ficaram encantados com a *performance* e seriedade em atuações impecáveis, que abrangeram todas as linguagens, do cinema ao teatro.

Durante a abertura do evento a turma do 1º ano apresentou um clipe ao vivo. A mostra, coordenada pelo professor de Língua Portuguesa Walmir Nunes, era uma coreografia motivacional em relação à leitura através da linguagem gestual. Num segundo momento outro grupo entrou em cena com a apresentação de um *take* adaptado do clássico Dom Casmurro, de Machado de Assis, focando o tema principal, se Capitu teria ou não traído o marido.

Segundo Walmir, a proposta do clipe foi chamar atenção das peças e alertar para a importância da leitura a partir do tema central da obra. A preocupação é ressaltar o papel do livro na formação desses jovens. "A leitura diferencia a formação do ser humano, que se torna mais



crítico, cidadão. É o caso do escritor José Saramago, que embora não tivesse tido oportunidade de estudar, começou a ler cedo". Os estudantes do 3º ano assistiram ao documentário de Fernando Meirelles sobre o escritor português e cada um escreveu sua própria biografia, que serão divulgadas em um "Chá Literário", aberto aos responsáveis.

Outro momento bastante significativo foi a mostra de poesias, com o professor de História Alfredo França. As performances do 1º ano variaram desde interpretações do clássico Balão Mágico, poesia urbana através do rap, e uma releitura da música "Faroeste Caboclo", da Legião Urbana. "Essa releitura demandou bastante pesquisa porque o personagem principal, Santo Cristo, foi substituído pelo ex-presidente Lula, o que deixou o trabalho inteligente e cômico. Eles repassaram toda a história desde o surgimento do ex-presidente como sindicalista, passando pelos escândalos do seu mandato até o governo Dilma", lembra a diretora Maria das Graças Brito. Para os professores, outro aspecto interessante foi o contato com músicos brasileiros de outras gerações, que eles não conheciam, como Gonzaguinha e Chico Buarque: "O velho, antigo, se torna novo para eles, que se encantam com a interpretação de Maria Betânia", lembra Alice.

O professor de História Rodrigo Carvalho recorda que todas as peças partem do conteúdo programático visto em sala de aula. Para encerrar o sarau, os estudantes encenaram a peça "Senhora", de José de Alencar, e o musical *Moulin Rouge*, inspirado no filme. Nessas produções participaram alunos do 1º ao 3º anos, partindo do conteúdo visto em sala de aula. Cada estudante ficou responsável



Durante a culminância do projeto Sarau Literário, os estudantes do Ensino Médio fizeram apresentações que abrangeram as linguagens do cinema e do teatro



por uma parte dos musicais, como a coreografia, elenco, trilha sonora e figurino. Para ser escolhida como Satini, personagem principal de *Moulin Rouge*, a aluna Karen passou por testes. Já Júlio, da mesma série, produziu o texto. Com um olhar muito delicado, as cenas propõem uma reflexão sobre as transformações da sociedade com foco no amor, independente da época, tema central do "Sarau Literário". "O trabalho significa o novo. Saímos do lugar-comum através da literatura, da arte e da música. Fizemos as propostas e a partir daí vieram essas expressões de criatividade", ressalta Rodrigo.

A diretora Maria das Graças acredita que uma escola deva ser construída a partir da realidade do jovem. "Precisamos atender as necessidades deles. Não acredito em outra forma de trabalho. Até aqueles alunos que não se aplicam tanto nas tarefas do dia a dia se revelam nesses momentos, que dão vida à escola. Formamos um indivíduo crítico, questionador da sociedade. É com muito orgulho que transformamos a educação aqui, num lugar considerado muito carente, que é a Baixada Fluminense, e buscamos a excelência".



Escola Brito Elias
Rua Hercília, 1.209 – Centro – Mesquita/RJ
CEP: 26551-040
Tel.: (21) 2796-3951
E-mail: direção@escolabritoelias.com.br
Direção: Maria das Graças Brito
Fotos: Marcelo Ávila



Luz, câmera, educação

Professor explica Matemática de forma inovadora no YouTube e já coleciona mais de 82 mil seguidores

Com intuito de armazenar lições matemáticas, o professor Rafael Procópio, da Escola Municipal Rosa da Fonseca, na Zona Oeste do Rio, criou em 2010 o Matemática Rio, no qual disponibilizava vídeos pessoais da disciplina. O que ele não esperava era a repercussão do canal no YouTube e os benefícios que as publicações poderiam trazer para as suas aulas.

O professor conta que só deu conta desse retorno em 2011, quando a escola onde trabalha recebeu o Projeto *Cineclube nas Escolas* e ele pôde perceber na prática como o audiovisual melhora a relação professor-aluno. "Passei a usar isso a meu favor, nas aulas de Matemática, tanto nas presenciais quanto nas virtuais. Em 2012 comecei a investir mais em produção e equipamentos para melhorar a qualidade dos vídeos", conta.

O docente começou a se preocupar mais com produção e com a maneira que se apresentava nos vídeos. Passou a utilizar mais o humor e o canal foi crescendo aos poucos. Ele explica que trabalha com várias frentes. Uma delas são as esquetes de humor com os alunos, outra são as paródias e ainda há as videoaulas. A abordagem varia dependendo de qual delas é utilizada. "Mas algo que está presente em todos os vídeos é a maneira clara, objetiva e, quando possível, usando o humor

para me expressar e passar as ideias matemáticas", completa.

O professor começou o canal visando os alunos do Ensino Fundamental II, que são aqueles com os quais trabalha. Hoje o público é variado. Há vídeos para Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e ainda para o Superior. Ele conta que o canal recebe mais a visita de pessoas entre 20 e 30 anos. "E, algo surpreendente, muitos acessos de pessoas com mais de 50 anos. Ou seja, a galera que parou de estudar e está correndo atrás do tempo perdido", elogia Rafael.

Antes de o canal fazer sucesso, o educador lecionava em outra escola, mas teve que sair por causa das demandas cada vez maiores dos vídeos. "Mantive uma matrícula, pois gosto de estar com os meus alunos e receber o *feedback* deles", explica. Em sala de

aula, o professor acha interessante usar uma situação cômica ou um desafio para dar início a um determinado conteúdo. “Isso gera curiosidade e estimula os jovens a estudar. Depois, quando possuo o vídeo específico com a videoaula sobre o assunto abordado – ainda não tenho vídeos sobre tudo –, passo esse recurso e vou pausando para dar mais explicações ou sanar algumas dúvidas dos alunos”, justifica.

De acordo com Rafael o conteúdo do canal também pode auxiliar outros professores. “Pela minha experiência, o uso de tecnologias diferentes em sala de aula ajuda no engajamento dos alunos. É incrível como eles ficam em silêncio e prestam mais atenção às aulas. Mais interessante que passar o material é propriamente produzi-lo com eles. E nem precisa ser vídeo. Uma aula de tangram, por exemplo, pode ser muito divertida para os alunos, que poderão absorver conceitos de área, produzindo o jogo chinês. A produção dos vídeos também ajuda muito na melhora da relação dos estudantes com os professores e entre eles próprios”, explica o educador.

Atualmente, são mais de 490 vídeos no canal. O professor conta que o mais visto de todos é uma paródia do “*Show das Poderosas*”, da cantora Anitta, intitulada por ele de “*Show das Matemáticas*”. Ele acredita que o sucesso se deve ao fato de que as músicas têm grande aceitação na internet, principalmente as que tenham humor. “E quando se mexe com um nicho específico, como a Matemática, as pessoas que gostam da disciplina correm pra assistir. Mas eu sempre deixo claro que não procuro ensinar nada com as músicas, já que Matemática não é decoreba. As músicas são para criar uma atmosfera mais amigável para o estudo da disciplina, que muitos acham chata”, afirma Rafael.

Atualmente, o canal conta com mais de 82 mil inscritos, a maioria de estudantes, seguidos de professores e um público que simplesmente gosta de Matemática ou que está se preparando para concurso. “Como coloco vídeos com muitas curiosidades, acabo agradando a um público bem diversificado. As pessoas gostam dos conteúdos, da maneira como são feitos e também querem ficar ligadas nos que virão pela frente”, completa o professor.



São publicados de um a dois vídeos por dia, e atualmente o canal tem mais de 490 postagens



Segundo Rafael, são postados de um a dois vídeos por dia e, normalmente, ele faz tudo sozinho, desde a elaboração do tema até a publicação no canal. “Algumas vezes, quando preciso de um movimento de câmera ou que alguém monitore o áudio em alguma situação específica, peço a ajuda da minha noiva e também dos alunos. A parceria da escola é importante, pois sem a participação da direção e da coordenação pedagógica o trabalho não seria possível dentro da escola”, conta.

Em alguns vídeos, os alunos também aparecem. O professor pergunta previamente quem tem interesse em participar e, segundo ele, normalmente o interesse é bastante alto. Então ele envia autorizações para os responsáveis tomarem ciência, já que normalmente eles ficam além do horário das aulas. Aqueles que têm a permissão participam dos vídeos. “Nem sempre são os mesmos alunos, mas há um grupo que gosta mais e atua com mais frequência”, explica.

O professor acredita que trabalhos como esse podem ajudar muito em sala de aula. “Os alunos criam uma identidade maior com a instituição, pois se sentem personagens ativos no processo todo. Ir à escola se torna uma atividade prazerosa, aprender se torna agradável. Aos poucos eu venho conseguindo obter conquistas que não estavam entre os objetivos iniciais, mas se tornaram um *plus* com a produção dos vídeos na escola. Almejo que o canal cresça e consiga atingir cada vez mais pessoas, destruindo o mito de que a Matemática é um bicho-papão”, finaliza Rafael.

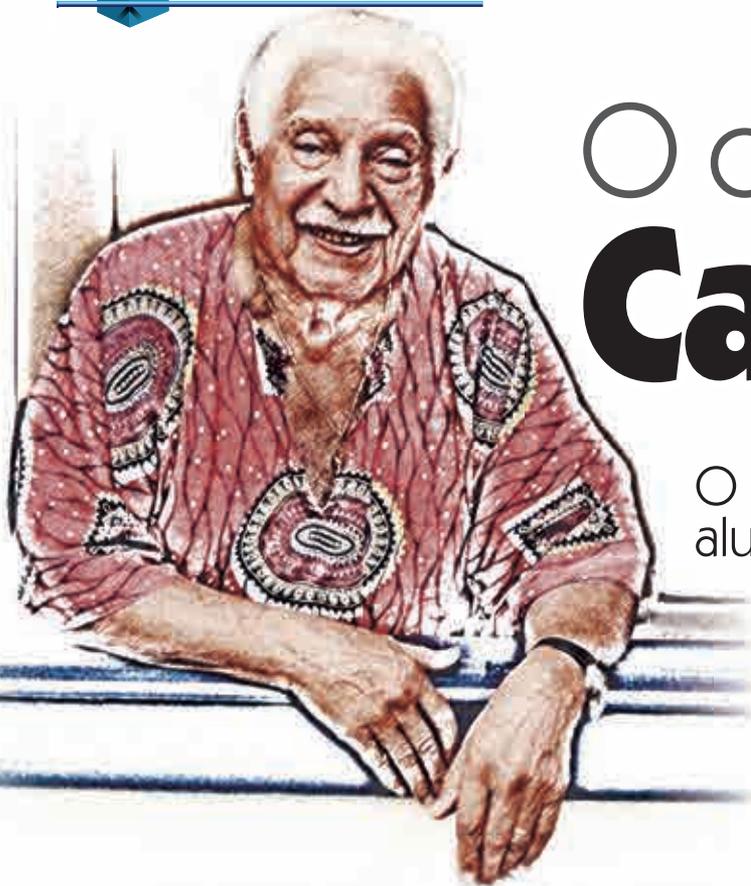
Colaboração: Jéssica Almeida

Escola Municipal Rosa da Fonseca
Praça Marechal Hermes, 30 – Vila Militar –
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21615-140
Tel.: (21) 3017-7032
E-mail: emrfonseca@rioeduca.net
Professor responsável: Rafael Procópio
Fotos cedidas pelo professor

Em alguns vídeos, os alunos também aparecem. Nem sempre são os mesmos, mas há um grupo que gosta mais e atua com mais frequência

O que é que Caymmi tem?

O artista é inspiração para alunos durante Semana Cultural



“**E**m primeiro lugar sou apaixonado pela obra de Dorival Caymmi. Ele é um dos maiores expoentes da cultura brasileira, pois se destacou na música, nas artes plásticas como pintor, e na dramaturgia, onde protagonizou o filme Estrela da Manhã”. Esse foi um dos motivos que fez o professor de Artes, Marcus Vinicius, escolher o artista baiano como tema da Semana Cultural no Colégio Estadual República Argentina, localizado na Zona Norte do Rio.

O docente, que já desenvolveu mais de 35 projetos e seminários como esse, conta que escolheu o artista porque esse ano é o de comemoração do seu centenário. “A ideia de trabalhar com esse tema surgiu no final do ano passado, quando desenvolvemos o projeto sobre os cem anos de Vinicius de Moraes. Quando foi noticiado que 2014 era a vez de Dorival Caymmi, não nos furtamos à possibilidade de realizar uma bonita homenagem”, explica.

Marcus conta que o intuito do projeto era preservar a memória do artista e contextualizar a sua obra nas linguagens cênica, de dança e música, sem esquecer a Bahia, pois ele sempre divulgou seu estado natal em suas obras. “Foram

nove meses de intensa atividade. Tomamos por base o projeto de Vinicius de Moraes e formamos duas equipes de trabalho. A primeira formada por professores de diversas disciplinas e a segunda com representantes das turmas”, lembra.

No mês de maio, nós realizamos a exposição “O que é que Caymmi tem?”, sobre a vida e a obra do artista. Nesse período, eles contaram com diversas parcerias, como a ONG Ojuobá Axé de Duque de Caxias, o Conservatório Brasileiro de Dança e a Academia Jaime Arôxa. Segundo o docente, ao todo foram 13 turmas do período noturno, englobando o ensino regular e o Nova EJA, que participaram do projeto. “Tanto na elaboração, quanto nos ensaios, nas iguarias baianas e na plateia. No último dia, entregamos certificados de participação aos que atuaram no palco e no apoio”, comenta Marcus.

O educador relata que, para a culminância do projeto, 25 canções de Dorival Caymmi foram transformadas em musicais. Além disso, foi possível contar com a pre-



Além de reviver e interpretar as canções de Caymmi, alunos ampliam seus processos de ensino-aprendizagem através do legado deixado pelo artista

sença de Tania Caymmi, sobrinha de Dorival, que falou sobre a vida e a carreira do tio. Os integrantes da ONG Ojuobá Axé fizeram um espetáculo cênico baseado nas canções praieiras. Lembraram Carmem Miranda com “O que é que a baiana tem?” e representaram as canções “Vatapá” e “O canoieiro”. Vestida de lansã, representando o candomblé, que é reverenciado na obra do compositor, a jovem Roberta Faustino fez uma *performance* da música “Mãe menininha”. “Por alguns momentos deixei de ser atendente de farmácia e virei artista. Deu até mais vontade de vir à escola”, afirmou a estudante do 2º ano do Ensino Médio.

A diretora da escola, Regina Márcia, ficou orgulhosa ao ver os alunos em ação. “A gente só funciona no turno da noite. Nossos alunos passam o dia trabalhando, já chegam cansados. É importante deixar o conteúdo o mais atraente possível. É um incentivo ao aprendizado”, frisou. A diretora lembrou também que a Semana Cultural está consolidada no calendário escolar desde o ano passado, e o evento não ficou restrito ao Colégio República Argentina, já que discentes de outras instituições também foram convidados para assistir aos espetáculos.

Mas o ponto alto da apresentação, segundo o professor, foi o *show* da banda de axé-music, que tocou as músicas de Caymmi ao ritmo do Oludum, contagiando toda a plateia. “Houve belas atuações de balé encenadas pelo Conservatório Brasileiro de Dança e as apresentações de samba realizadas por uma dupla da Academia Jaime Arôxa em que os alunos puderam comparar o popular e o erudito. Remontamos a Exposição ‘O que é que Caymmi tem?’ na área que dá acesso ao auditório e ainda foram exibidas duas edições do noticiário sobre curiosidades sobre o compositor”, relata Marcus.

O professor conta que, após a culminância do projeto, já era possível notar algumas mudanças em sala de aula. “O

grande legado da Semana Cultural foi uma energia renovada que tomou conta de nossos alunos e melhorou a autoestima deles quanto ao processo de ensino-aprendizagem. Antes deste projeto eles iam para o colégio tristes e cansados. Agora estão felizes e de bem com a vida. Podemos notar também mudanças nos semblantes dos surdos e dos portadores de necessidades especiais”, afirma Marcus. A aluna do Nova EJA Tatiane Paula conta que adorou interpretar a canção “Rosa Morena”. “Eu nunca tinha ouvido e adorei. O Caymmi retratava a mulher como divina. Ele valorizava a gente. Isso foi o que mais me chamou a atenção”, argumentou.

Um pouquinho sobre Caymmi

Dorival Caymmi nasceu em Salvador, na Bahia, no dia 30 de abril de 1914. Filho do funcionário público, de ascendência italiana, Durval Henrique Caymmi e de Aurelina Soares Caymmi, descendente de portugueses e africanos. Desde pequeno era cercado pela música, cantava no coro da igreja e seu pai tocava piano, violão e bandolim. Em 1938, foi tentar a sorte no Rio de Janeiro, onde conseguiu se apresentar na Rádio Transmissora cantando o samba “O que é que a baiana tem?”, mais tarde incluído no filme “Banana da Terra”, com Carmen Miranda, que foi sucesso nacional. Nos anos 1970, foi condecorado pelo governo baiano. Compôs ainda as músicas “Oração para Mãe Menininha” e “Modinha para Gabriela” para a trilha sonora da novela Gabriela. Dorival Caymmi morreu de falência múltipla dos órgãos, no Rio de Janeiro, no dia 16 de agosto de 2008. Em 60 anos de carreira, Caymmi gravou cerca de 20 discos, mas o número de versões das suas músicas interpretadas por outros artistas é praticamente incalculável.

Colaboração: Jéssica Almeida



Durante a entrevista com a sobrinha de Dorival Caymmi, a comunidade pôde saber um pouco mais sobre a trajetória do cantor e compositor baiano



C. E. República Argentina (Escola Noturna)
Rua 28 de Setembro, 125 – Vila Isabel –
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20551-030
Tel.: (21) 2334-2107
E-mail: colegioargentina@hotmail.com
Professor responsável: Marcus Vinicius
Fotos cedidas pela escola



Política pra quê?



Professoras criam projeto para discutir a importância do assunto

Como estamos em um ano eleitoral, para escolher um novo presidente da República, deputados federais e estaduais, senadores e governadores, as professoras de Filosofia, Karina Gaspar, e de Língua Espanhola, Daniela Korol, do C. E. Hispano-Brasileiro João Cabral de Melo Neto, no Méier, criaram um projeto, desenvolvido com os alunos do 1º ano do Ensino Médio, baseado no livro "Política pra quê?", de autoria da professora de Filosofia.

A obra trata de política e da discussão que se faz necessária a respeito do assunto. Não é à toa o título "Política pra quê?". "Procuramos passar para nossos alunos que tudo é política, e que, para entender e viver a democracia plenamente, temos que conhecê-la e discuti-la", explicam as docentes.

Segundo Daniela, a ideia do projeto surgiu nas aulas de Filosofia. A partir daí, as docentes decidiram trabalhar a

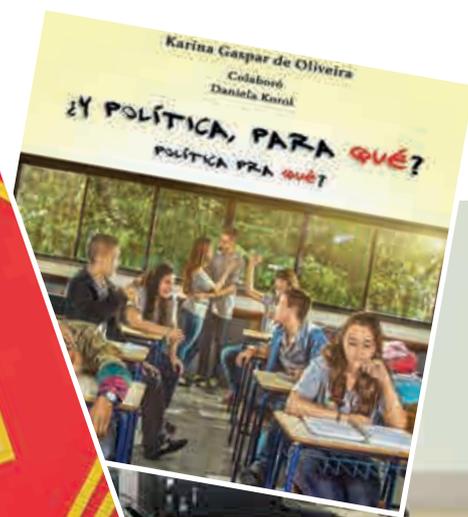
tradução dos textos nas aulas de Espanhol, uma vez que os alunos já haviam tomado contato com eles. Foram formados grupos e a professora do Núcleo Linguístico de Espanhol coordenou e revisou os trabalhos. Com isso, a autora do livro deu a sugestão de criar um *e-book*, em virtude do tempo que levaria para a conclusão de uma edição impressa, que, segundo ela, será lançada até o final do ano.

De acordo com as educadoras, somente a turma 1.001 trabalhou na efetiva versão dos textos, entretanto a abordagem do tema será feita em todas as demais, já que se trata de um assunto que sempre se destacará. "O objetivo do projeto é fazer com que o adolescente protagonize o quadro político do país, exercendo o papel crítico e solidário que a sociedade globalizada exige", argumentam.

Além disso, a ideia tem sido desdobrada em ações, como a versão dos textos também para o inglês, supervisionada pela professora da disciplina, Carmen Souto, e inserção da



Durante a culminância, o aluno Isaac Brian, que é violoncelista da Sinfônica do Grupo Cultural AfroReggae, apresentou um recital de música clássica



crônica "Homenzinhos no gramado", com a docente de Educação Física Gabriela Aragão. Com a atuação da professora de Espanhol, como citado anteriormente, o trabalho resultará numa obra trilingue. "Esse é exatamente o envolvimento que a interdisciplinaridade nas aulas proporciona", afirma Daniela.

Durante o evento de lançamento da versão digital do livro, o e-book, o aluno Isaac Brian, que ajudou na produção da obra, apresentou um recital de música clássica. O jovem é violoncelista da Sinfônica do Grupo Cultural AfroReggae. "Trata-se de um projeto bastante diferenciado, em que foi trabalhado e exercido o protagonismo juvenil. Posso afirmar que os alunos participaram em tudo, desde a idealização das versões dos textos até a preparação do evento de lançamento", afirmou Daniela.

A professora de Língua Espanhola destaca que a escola é a primeira intercultural bilingue em espanhol pública do país e afirma que o projeto é bem diferenciado. Ela revela ainda que o trabalho ainda está em andamento e pode contar com a criação de um audiolivro trilingue, com narração dos próprios alunos nos três idiomas, e a idealização de ilustrações dos textos, elaboradas pelos educandos com as mais diferentes técnicas de desenho, como, por exemplo, o mangá.



dois grandes grupos e ministradas em português e em espanhol, alternando-se a carga horária destinada para cada idioma. Assim, as matérias da Base Nacional Comum e da Parte Diversificada serão ministradas em português durante 90% do tempo. A carga horária restante, equivalente a 10%, será utilizada para as atividades menos complexas em espanhol. O grupo de disciplinas específicas terá suas instruções ministradas em espanhol durante 90% do tempo, destinando-se os 10% restantes para a comunicação por meio da Língua Portuguesa. Ao final da formação, os alunos receberão o certificado de dupla diplomação, o que garante a conclusão de Ensino Médio validada tanto em território brasileiro quanto em território espanhol.

Colaboração: Jéssica Almeida

Diferencial da escola

Conforme citado anteriormente por Daniela, a escola é a primeira intercultural bilingue em espanhol pública do país. Com uma metodologia diferenciada, a unidade escolar, que faz parte do programa Dupla Escola, adota o formato *dual language*, no qual as disciplinas são separadas em



C. E. Hispano-Brasileiro João Cabral de Melo Neto
Rua Venceslau, 225 – Méier – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20735-160
Tel.: (21) 2332-4038
E-mail: cehispano@educacao.rj.gov.br
Fotos cedidas pela escola



Safári pela Natureza

Construção de conhecimento e responsabilidade

Sandra Martins

“**T**ia, eu fiz uma excursão!” Esta era a expressão mais ouvida pelas professoras do Centro Educacional Luciete Manhães (Celm), no bairro de Sacramento, no município de São Gonçalo. Não é exagero das crianças, pois o turno da manhã da escola participou da Feira de Ciências com o tema *Safári pela Natureza* desenvolvido pelas turmas do pré ao 5º ano, envolvendo cerca de 700 alunos.

A proposta do projeto foi desencadear um processo reflexivo sobre a responsabilidade do ser humano na preservação da natureza, do meio ambiente, da vida de todos os seres no planeta. Na pré-história, parte do planeta foi povoada por gigantescos dinossauros, como o braquiossauro – chamado de lagarto braço que tinha altura de 23 metros, equivalente a quatro andares, e um peso estimado de cerca de 15 elefantes –, ou mesmo um anquilossauro – ou lagarto fundido, devido a sua arma-

dura corporal, que pesava 7 toneladas e 10 metros. A vida destes e de outros animais extintos foi tema de belas pesquisas como a dos alunos do 5º ano Ana Carolina, Raquel e Gabriele.

A professora Fernanda Moreira, do 5º ano, incentivava os alunos a deixarem o nervosismo de lado e focarem na apresentação de sua experiência – discorrer sobre os vulcões e demonstrar como se processava uma erupção. Para isso, os meninos colocavam na “boca” do vulcão um pouco de azeite, bicarbonato, vinagre, corante e detergente. Após mexer bastante, a reação química expelia “larva” vermelha, que subia escorrendo pela montanha atingindo todo o vale no entorno do vulcão. Eles explicaram que aquela região se tornava propícia para a lavoura. Claro, depois que ele ficasse inativo.

Para ter consciência sobre como podemos lidar com o que a natureza nos propicia é fundamental conhecer



A proposta do projeto era sensibilizar os pequenos sobre a responsabilidade na preservação da natureza, meio ambiente e da vida de todos os seres no planeta

o que temos na nossa geladeira, o que comemos, e o que veio, por exemplo, da terra. Ou seja, as hortaliças, as verduras, as frutas, o jardim e o pomar. Assim como os animais que criamos ou não para nosso consumo cotidiano. Utilizando garrafas *pet*, alunos do 4º ano apresentavam variadas espécies de hortaliças, entre elas, pé de manjeriço, alfavaca, erva-doce. Já a turminha do 2º ano dedicou-se a pesquisar sobre as ervas medicinais. De acordo com Márcia Brito, coordenadora pedagógica do pré ao 5º ano, para que as crianças tivessem noção concreta sobre a arte do cultivo de plantas medicinais



Demonstrar como se processava uma erupção de vulcão e analisar animais domésticos estavam entre as atividades desenvolvidas pelos estudantes



e valorizassem o conhecimento popular de remédios naturais e tratamentos caseiros utilizando vegetais, elas fizeram um passeio pedagógico à Florália. Com isso, os alunos puderam, minimamente, entender que para o funcionamento da natureza é fundamental investir na sua preservação e na ampliação de sua biodiversidade para gerar autorregulação e sustentabilidade.

A agroecologia fundamenta-se em processos biológicos que ocorrem no sistema solo-planta, efetivados por microorganismos e pequenos invertebrados. Este conceito foi processado pelas professoras, conforme as séries, utilizando-se de várias estratégias, como exibição de vídeos, contação de histórias, passeios pedagógicos – como à Florália, ao Jardim Zoológico, mas também no jardim da própria escola. E muita conversa estimulando perguntas que remetiam a leituras e experiências.

Os alunos do 3º ano e turmas do pré analisaram animais domésticos, os que vivem em zoológicos, assim como os extintos ou em processo de extinção. Também abordaram aqueles que habitam os lugares altos e o fundo do mar, nas variadas regiões do planeta, bem como os parentes perdidos no tempo, espalhados pelos períodos pré-históricos. O importante foi perceberem a importância de cada um desses seres e tomarem conhecimento do desenvolvimento de alguns.

As professoras Cláudia Borges e Tatiane levaram suas turmas do pré-II para um passeio no jardim da escola. Os pequenos foram com a lupa conhecer o habitat da minhoca, da borboleta, das formigas. “A nossa preocupação foi ensinar a eles que cada espécie tem sua importância na cadeia alimentar. Eles mesmos caçaram todos os animais que expomos aqui, como a larva da borboleta e a aranha, por exemplo. De todas essas espécies, o sapo foi a de que eles demonstraram mais medo”, disse a Tia Cláudia, como as crianças a chamam.

A metamorfose da borboleta foi diariamente acompanhada e registrada pelos alunos. E, a cada pergunta que a professora fazia numa animada sabatina, os alunos prontamente respondiam, mostrando que a lição fora realmente aprendida sem que tivessem decorado. Para alicerçar os novos conhecimentos, as crianças ajudaram a construir painéis mostrando o ciclo de vida das borboletas – ovos, lagarta, pupa, casulo e o novo animal. Para representá-las, as crianças usaram rolo de papel higiênico e pintaram as asas, com as borboletinhas ficando penduradas decorando o ambiente da apresentação, que contou com uma divertida degustação com direito a bolo, refrigerante, balas e pirulitos.

Mas, voltando ao safári... Para conhecer o fundo do mar, o visitante teria que entrar pela boca de um tuba-



Cerca de 700 alunos, das turmas do pré ao 5º ano, participaram da Feira de Ciências com o tema *Safári pela Natureza*



ção gigante! As professoras do Pré-I Daiana Coutinho, Lorrana e Mariana orientavam os alunos a apresentarem os moradores do fundo do mar que também foram levados ao evento, como os exemplares de polvo, peixe e tartaruga. Elas contaram que trabalharam o interior dos oceanos utilizando-se de vídeos-debates e filmes como "Espanta Tubarão" e "Procurando Nemo". "A proposta foi partir do concreto – daí terem levado os próprios animais – para discutirem como é o meio ambiente no fundo do mar", disse Tia Daiana, que tem como *hobby*

a pesca esportiva – aquela em que o peixe é capturado e imediatamente devolvido ao habitat natural. Uma dinâmica utilizada foi fazer as crianças procurarem os peixinhos usando uma lanterna.

Lucete Manhães, diretora-geral, disse que a escola dedicou os dois dias anteriores à realização do evento para que os alunos pudessem participar de todo o processo de organização da Feira, já que o trabalho foi totalmente construído com a presença deles. Vale registrar que todos os estudantes visitaram os estandes de seus colegas. Este, na realidade, é o foco do projeto ao realizar o safári. Mais do que conhecer, levar à interação e ao diálogo.

A turma do 1º ano, por exemplo, construiu uma árvore de copos de plástico que eles próprios pintaram. Eles trabalharam os animais domésticos e os que vivem em zoológicos, por sinal um passeio que agradou muito. Já o pessoal do Maternal pôde conhecer sobre as origens de alguns alimentos, como o leite e os ovos. Este foi o tema da sala "Fazendinha do Maternal" coordenada pela Tia Jéssica de Oliveira.

Um dos debates realizados pelos alunos do Pré-II, segundo as professoras Lorena e Steffany, buscou questionar qual a forma correta de nominar o gênero feminino do elefante: "Tia Lorena, eu falo a elefante ou a elefanta? Esta dúvida foi muito discutida entre os alunos, quando passamos o vídeo 'Bita e os animais'", disse a docente, feliz com a participação das crianças nas atividades.

Muito assediada pelos pais e alunos, Luciete Manhães, diretora-geral, afirmou que a escola tem como princípio norteador o desenvolvimento do aprendizado de forma concreta: "aprendendo fazendo" e o constante diálogo com os pais e responsáveis. "Nossa filosofia é tê-los dentro da escola. Potencializar o diálogo constante com a família, incentivando todos a participar ativamente das ações", afirmou Luciete, ao afirmar que elas valorizam a opinião dos pais, "até mesmo para que possam acreditar no nosso trabalho. E, certamente, eles confiam, tanto que temos inúmeros filhos de ex-alunos".

Centro Educacional Luciete Manhães
Rua Vinte e Seis de Outubro, 275 – Jardim Sacramento – São Gonçalo/RJ
CEP: 24400-000
Tel.: (21) 2601-6474
E-mail: aicramotirb@ig.com.br
Diretora-geral: Luciete Manhães
Fotos: Marcelo Ávila



A diversidade faz quem somos

Alunos participam de projeto que visa demonstrar a importância multicultural do Brasil

Considerar o papel da escola como de extrema relevância na contribuição da formação cultural dos alunos, fazendo com que eles reconheçam e valorizem a sua cultura e respeitem as demais. Foi com essa justificativa que o Colégio Estadual Fernando Figueiredo, em Duque de Caxias, criou o projeto *Diversidade faz quem somos: brasileiros*, com intuito de demonstrar a importância multicultural e de etnia para a formação da sociedade brasileira.

A iniciativa, criada para atender a necessidade da Sala de Leitura, foi organizada pelas agentes Vanessa Cristina e Oredes Rubes, pelos coordenadores pedagógicos Sara Pinheiro e Alex Santana, e pelas professoras Josiane Carla, Maria de Fátima Rosalino e Alcina Pires. Onde cada um desenvolveu trabalhos com subtemas pertinentes às suas turmas. Todas participaram do projeto que envolveu as disciplinas de Sociologia, Língua Portuguesa, Educação Física, Biologia, História, Geografia e Espanhol.

Mas do que destacar a diversidade cultural na formação da identidade do brasileiro, a iniciativa também tem como objetivo ajudar a identificar as riquezas das regiões e as principais peculiaridades das mesmas, reconhecer os valores culturais das várias regiões do Brasil, respeitar a diversidade de gêneros e prevenir e informar questões como gravidez na adolescência, drogas e doenças sexualmente transmissíveis. “O tema era pluralidade cultural, mas o enfoque era orientação sexual”, explicou Alex, que é professor de informática, mas atuou no projeto como articulador pedagógico auxiliando a coordenação pedagógica.

A culminância contou com barracas expondo comidas típicas das diversas regiões do Brasil e exposição de trabalhos produzidos pelos alunos, destacando a influência e contribuição de vários povos e culturas na formação da identidade do povo brasileiro. Foram realizadas também apresentações de peças teatrais sobre orientação sexual e gravidez na adolescência, além de danças indígenas, africanas, de tango, forró, *hip hop*. Os alunos participaram também de uma palestra sobre doenças sexualmente transmissíveis e apresentaram os textos produzidos por eles sobre as histórias das heranças e suas contribuições para a cultura brasileira.

A professora Maria de Fátima Rosalino, que leciona a disciplina Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa, conta que o projeto atingiu o objetivo proposto, que era mostrar a importância da diversidade cultural do Brasil. As alunas Larissa Braga e Brenda, da turma 3.001, concordam com a professora: “Foi divertido, bem organizado e alcançou a sua meta. Com o evento, pudemos perceber a variedade cultural que temos no Brasil”, relatam.

Segundo Alex, este projeto foi de extrema importância para promover a valorização e o respeito das diversas culturas, o reconhecimento da identidade cultural do brasileiro e festejar o respeito às diferenças no ambiente escolar. “Este evento contou com uma programação variada, abordando temas como gênero, movimento negro, questões étnico-raciais, preconceito, diversidade religiosa, música, teatro, culinária e palestras, que serviram principalmente para os alunos respeitarem outros valores e culturas, construir novos conhecimentos por meio de participação em projetos pedagógicos e exercitarem a aprendizagem por colaboração. Ainda é muito cedo para avaliar os impactos deste projeto, mas temos a certeza de que os alunos aguardam ansiosos para participar dos próximos eventos e esperamos ver os resultados no desempenho escolar a curto e médio prazo”, finaliza.

Colaboração: Jéssica Almeida

Colégio Estadual Fernando Figueiredo
Rua Goindira, 379 – Imbariê – Duque de
Caxias/RJ
CEP: 25266-070
Tel.: (21) 3661-5094
E-mail: cefernandofigueiredo@yahoo.com.br
Fotos cedidas pela escola



Um intruso entre os maiores

Sete anos atrás, a Kroton era apenas um grupo de ensino de nome esquisito e 18.000 alunos. Hoje, tem 1,5 milhão de estudantes e é a maior companhia de educação do mundo. O sucesso da empresa é uma boa notícia para o Brasil?

Lucas Amorim e Daniel Barros
– Revista Exame

O entediante clube formado pelas 20 maiores empresas do Brasil não costuma sofrer grandes mudanças. Estão nele a cervejaria Ambev, a Petrobras, a mineradora Vale, os grandes bancos e uma ou outra novidade de quando em quando. Desde o dia 3 de julho, esse clube tem um novo membro – de nome esquisito e, até outro dia, solenemente ignorado pela nata do capitalismo nacional: a empresa de ensino superior Kroton. Naquele dia, Rodrigo Galindo, presidente da Kroton, reuniu um batalhão de jornalistas e fotógrafos para anunciar que, após 438 dias de espera pela aprovação dos órgãos reguladores, nascia oficialmente a maior empresa de educação do mundo. Resultante da fusão com a rival Anhanguera, a nova empresa tem 125 *campi*, 1,5 milhão de alunos e valor de mercado de 24 bilhões de reais, o dobro da segunda colocada, a chinesa New Oriental. Para Galindo, era uma vitória pessoal. Por muito pouco, o negócio não ficou apenas no campo das ideias. Uma disputa entre os sócios das duas empresas pôs o negócio em risco por diversas ocasiões. Os acionistas da Kroton queriam renegociar os termos do contrato assinado um ano antes (em condições mais favoráveis, claro).

Os acionistas da Anhanguera bateram o pé e parecia que o negócio fracassaria. Mas, após idas e vindas, o contrato foi renegociado;



e o negócio, fechado mais uma vez. Horas antes da coletiva convocada para 3 de julho, acionistas dos dois lados aprovaram a fusão. Galindo respirou aliviado. A Kroton virava a 18ª maior empresa do Brasil.

O feito de Galindo ganha contornos mais impressionantes quando a Kroton atual é comparada à Kroton de sete anos atrás. Desde que abriu o capital em 2007, a empresa cresce em ritmo alucinante. Naquela época, não passava de um grupo mineiro de ensino com meia dúzia de universidades e escolas. Desde então, fez 28 aquisições. Passou de 18.000 para o atual 1,5 milhão de alunos. Seu faturamento foi multiplicado por 13; e seu lucro, por 25. Foi a empresa brasileira com o melhor desempenho na bolsa em 2012, em 2013 e novamente no primeiro semestre de 2014. Quem comprou 1.000 reais em ações na abertura de capital tem hoje 30.000 reais. A bolsa caiu 2% nesse período. Enquanto a economia brasileira anda de lado, a Kroton continua a animar os investidores. Um relatório do banco BTG Pactual estima que o faturamento da empresa crescerá 50% e o lucro dobrará em dois anos.

Como tudo isso foi possível? A Kroton cresce num Brasil sem espaço para pibinhos, mau humor com os rumos da economia ou lamentos direcionados à eterna "crise internacional". No mercado brasileiro de educação, não há problema de demanda. Até pouco tempo, apenas 13% dos jovens estavam na universidade, uma das menores taxas entre as grandes economias. Na Coreia, a média é de 65%. Na Rússia, 50%. Nos últimos dez anos, o Brasil viveu uma transformação nesse setor. Passou de 5 milhões para 7 milhões de universitários e chegou à marca de cerca de 18% dos jovens no ensino superior, segundo consultores e executivos. Ainda é muito pouco, mas foi o suficiente para virar o setor do avesso. A mudança foi impulsionada, antes de mais nada, pelo envelhecimento da população. As forças da demografia fazem com que o país tenha mais jovens em idade universitária e menos crianças nas escolas básicas – que tinham 56 milhões de estudantes e hoje têm 46 milhões. O aumento da renda média e a redução do desemprego também ajudaram. Mais gente passou a ter condições de pagar as mensalidades: e o diploma passou a ser visto como diferencial para melhorar de vida.

O fenômeno Kroton

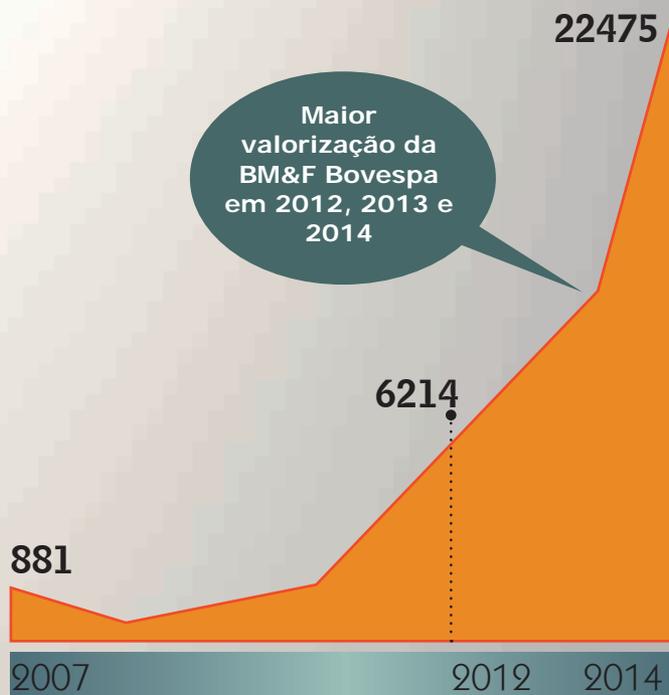
Nenhuma empresa aproveitou tão bem a explosão do número de estudantes universitários no Brasil quanto a Kroton - que já é a maior companhia de educação do mundo

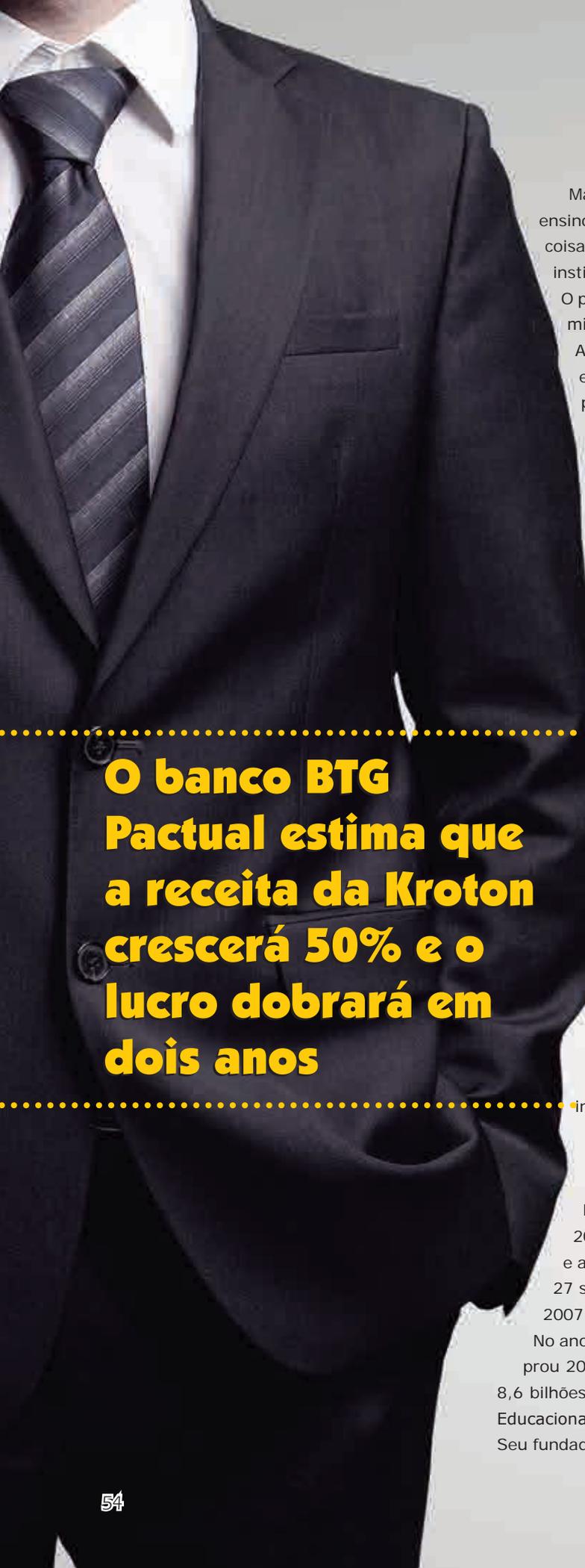
Evolução no número de estudantes universitários no Brasil



Evolução do valor de mercado da Kroton.

A empresa já é a 18ª maior do Brasil (valor de mercado em milhões de reais)





O banco BTG Pactual estima que a receita da Kroton crescerá 50% e o lucro dobrará em dois anos

Mas o fator decisivo para a multiplicação na demanda por ensino superior no Brasil foi uma série de ações do governo – e, coisa rara por aqui, políticas públicas que deram autonomia a instituições privadas e liberdade de escolha para os indivíduos. O passo inicial foi dado em 1997, quando o governo federal permitiu que universidades e faculdades tivessem fins lucrativos. Até então, apenas escolas e cursinhos podiam distribuir lucro entre seus acionistas. O ambiente universitário era dominado pelas escassas escolas públicas e pelas confessionais, como a Pontifícia Universidade Católica. A consequência era um mercado estagnado e uma enorme demanda não atendida. Com a mudança na lei, dezenas de empresários que se dedicavam a educação de base viram uma oportunidade de ganhar muito dinheiro com as faculdades. Em São Paulo, João Carlos Di Genio, dono da rede de colégios Objetivo, priorizou a universidade Unip. Em Curitiba, o grupo Positivo, especializado em sistemas de ensino, também criou sua primeira escola de nível superior. Mas foi em 2010 que o governo pôs o pé no acelerador ao promover mudanças profundas no Fies, o fundo de financiamento estudantil. O programa existia desde 1999, com o objetivo de pagar pelo estudo de alunos em escolas privadas e receber somente após a formatura. Mas, em 2010, o governo reduziu a taxa de juro de 6,5% para 3,4% ao ano. E o programa decolou. Em 2013, foram 560.000 inscritos – o que representa 31% dos novos alunos do ensino superior. Somado ao programa de bolsas para os melhores alunos, o Prouni, criado em 2004, o novo Fies fez do governo o maior motor de crescimento do setor. “Empresários e investidores foram ágeis em aproveitar a enorme demanda que não era atendida. Foram 20 bilhões de reais investidos na educação na última década”, diz o economista Paulo Guedes, um dos primeiros a investir no setor de educação.

Essa série de mudanças transformou um grupo de instituições familiares em negócios bilionários. A pioneira foi a rede de universidades Anhanguera, fundada no início dos anos 1990 pelo ex-professor Antonio Carbonari Netto. A empresa recebeu investimento do fundo de *privace equity* Pátria em 2003 e foi a primeira a abrir o capital na bolsa, em 2007. Analistas calculam que, desde que entrou na Anhanguera e após uma série de aquisições, o Pátria tenha multiplicado por 27 seu investimento inicial, de 5 milhões de reais. Também em 2007 o grupo carioca Estácio, fundado nos anos 1970, foi à bolsa. No ano seguinte. O fundo de *private equity* GP Investimentos comprou 20% da escola por 259 milhões de reais. Hoje, a Estácio vale 8,6 bilhões de reais. Mais recentemente, o grupo pernambucano SER Educacional levantou 600 milhões de reais ao ir à bolsa no fim de 2013. Seu fundador, o ex-engraxate Janguie Diniz, tem fortuna estimada em

Os principais números da empresa

Campi no Brasil
125

Polos de ensino a distância no Brasil
726

NORTE

67

campi e polos de ensino a distância

NORDESTE

189

campi e polos de ensino a distância

CENTRO-OESTE

151

campi e polos de ensino a distância

SUDESTE

285

campi e polos de ensino a distância

SUL

159

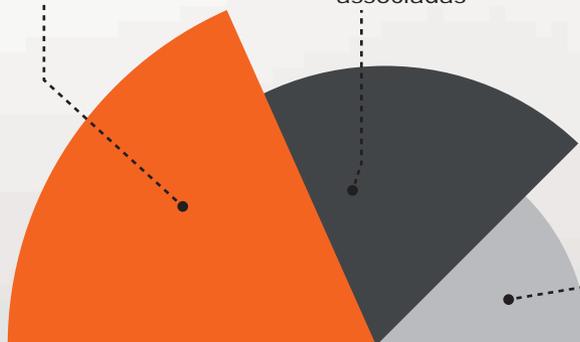
campi e polos de ensino a distância

Alunos

990.000
na graduação

290.000
em escolas associadas

990.000
em pós-graduação e cursos livres



2,4 bilhões de reais. No Paraná, o professor Marco Antonio Laffranchi, fundador do grupo de ensino a distância Unopar, também acumulou fortuna superior a 2 bilhões de reais ao vender seu negócio para a Kroton em 2011.

Mas nenhuma empresa aproveitou tão bem esse momento quanto a Kroton. A empresa nasceu em 1966, quando um grupo de professores mineiros criou o cursinho pré-vestibular Pitágoras numa sala alugada de um colégio. Em 1972, a empresa abriu a primeira escola. Ao longo dos anos 1980, começou a vender seu sistema de ensino para centenas de escolas. O grande salto veio com a mudança na lei que desregulamentou o ensino superior. Em 2001, o grupo estreou nesse segmento. Em 2007, abriu o capital na bolsa com uma nova marca para a *holding*: Kroton, em homenagem à ilha em que o matemático Pitágoras criou sua primeira escola. Com dinheiro em caixa, a empresa começou a fazer aquisições de outras universidades em situação parecida: alguns milhares de alunos e pouco capital para grandes expansões. Havia centenas de opções na mesa.

O EFEITO GALINDO

Numa dessas investidas, a Kroton encontrou sem querer um novo presidente. Em 2009, começou a negociar com a rede mato-grossense Luni, criada nos anos 1980 pelo empresário Altamiro Galindo. A Luni chegara a 2009 com cerca de 45.000 alunos e um histórico de aquisições – rinha feito nove no ano anterior. Quando as duas empresas se juntaram, o improvável aconteceu: em seis meses, Rodrigo Galindo, filho de Altamiro, virou o presidente do grupo. “Ficamos impressionados com ele logo na primeira apresentação que fez sobre a Luni”, diz Walfrido dos Mares Guia, um dos fundadores da Kroton. Aos 33 anos, Rodrigo já acumulava quase duas décadas de experiência. Começou operando a máquina fotocopadora da faculdade comandada por seu pai. Antes

mesmo de fazer 18 anos, já havia passado pela tesouraria, pela secretaria e pelo departamento de recursos humanos. Depois de se formar em direito, mudou-se para Macapá para abrir a própria faculdade. Ele também coordenou a expansão da empresa da família para Acre, Rondônia e Bahia. Em 2007, aos 31 anos, assumiu o lugar do pai.

Num setor dominado por professores com pouca experiência e um visível desinteresse por gestão ou por financistas, Galindo tem jeitão de consultor da McKinsey e a experiência de quase 20 anos dentro de uma universidade. Caminha para cima e para baixo com enormes volumes repletos de dados da empresa e do setor. Sabe de cor a margem operacional das unidades, assim como o número de inscritos no último vestibular. Negocia pessoalmente as aquisições, dispensando o trabalho de banqueiros. Ao comprar a Luni, a Kroton encontrou uma empresa com margem operacional de 23%, um recorde para o setor. Hoje, a margem da Kroton é de 43%. Galindo só aprova a abertura de uma nova turma depois de chegar a um número mínimo de alunos que garantam a rentabilidade. Divide os currículos para que mais gente de diferentes cursos possa compartilhar as mesmas aulas. Há muito tempo, ministra 20% do conteúdo em aulas a distância, no limite permitido para cursos presenciais.

Qualquer despesa que ultrapasse o orçamento combinado – incluindo até material de sala de aula – precisa ser aprovada por ele. “O grande desafio do setor é oferecer cursos de qualidade em larga escala”, diz Galindo. “Meu pai criou um modelo de sucesso, eu preciso dar conta de replicá-lo em escala muito maior”. Seu desafio daqui para a frente será enorme. Enquanto 80% dos cursos da Kroton têm índice de qualidade considerado satisfatório pelo Ministério da Educação, nas escolas herdadas da Anhanguera o índice é de 47%. O risco é que, em vez de a Kroton puxar a média geral para cima, aconteça o contrário.

A outra base do sucesso da Kroton é uma ambição sem igual. E as origens remontam à chegada do fundo de *private equity Advent*, que, em 2009, comprou metade de suas ações. Na época, a Kroton estava mal das pernas na bolsa, com desvalorização de 50% desde a abertura do capital. A empresa estava gastando o caixa em aquisições, mas não conseguia integrar as novas escolas. As margens de lucro só faziam cair. “Analisar as compras com mais critério e alcançar as sinergias rapidamente é o dia a dia de um investidor como nós”, diz Patrice Etlin, sócio do *Advent*. Para organizar as finanças, o *Advent* criou na Kroton uma diretoria de fusões e aquisições e um comitê financeiro. Os



**Ações do governo
e mudanças sociais
transformaram um
grupo de empresas
familiares em redes
que valem bilhões**

principais executivos passaram a ter metas de desempenho e a receber bônus e um programa de opções de ações que cresce com a companhia. Caso atinjam as metas previstas para 2014, os 12 principais executivos da Kroton poderão embolsar 56 milhões de reais. Mais de 1.000 executivos têm metas individuais. O *Advent* também criou novas frentes de crescimento. Foi do fundo a ideia de comprar, em 2011, a Unopar, maior empresa de ensino a distância no país. Para levar uma empresa que tinha quase o seu tamanho, a Kroton pagou 1,3 bilhão de reais ao professor Marco Antonio Laffrancchi, fundador do negócio. Ainda deu um lote de ações da Kroton, as quais hoje valem mais de 1,5 bilhão. Em 2013, o *Advent* terminou de vender suas ações da empresa. Em cinco anos, multiplicou cerca de dez vezes o investimento inicial de 280 milhões de reais.

E O BRASIL?

O sucesso de grupos como a Kroton é uma boa notícia para o país? É inegável que o Brasil fica melhor com mais gente nas universidades. Mas essas redes estão conseguindo aliar lucro a aulas de qualidade? Os advogados, engenheiros e pedagogos que se formam na Kroton, e também nos outros grupos privados, são qualificados o suficiente para conseguir bons empregos e suprir as lacunas de mão de obra no Brasil? São questões decisivas a partir de agora. Uma pesquisa encomendada pela Kroton mostra que os engenheiros formados pela universidade saem ganhando 3,5

vezes mais do que no início do curso. "Temos de provar que somos um bom negócio para o aluno", diz Ricardo Scavazza, conselheiro da Kroton e ex-presidente da Anhanguera.

A verdade é que formar gente de qualidade é fundamental para a própria sobrevivência da Kroton. A empresa aproveitou as oportunidades geradas pelo avanço do Fies como nenhuma outra. Hoje, mais da metade dos novos alunos de graduação presencial utiliza o financiamento. No total, 35% da receita da empresa depende diretamente do financiamento do governo. Para o governo, na ponta do lápis, é um bom negócio: a consultoria de educação Hoper calcula que abrir uma nova vaga em uma universidade pública custe 4,6 vezes mais do que pagar, em média, 570 reais de mensalidade em uma escola privada. "O setor privado é mais competente na gestão de custos do que as instituições públicas", diz Romário Davel, consultor da Hoper. "Mas, para as escolas privadas, depender excessivamente do programa é obviamente um risco". O risco é o mesmo de qualquer empresa que faça muitos negócios com o poder público: o governo pode fechar a torneira de uma hora para a outra. Provar que consegue oferecer um bom nível de ensino, portanto, é vital para as redes privadas mostrarem que o dinheiro é bem aplicado. "Se a empresa não fosse do dependente, já teríamos dobrado o investimento nas ações", diz um grande investidor da Kroton.

Depender do governo traz outro problema potencial: como parte importante de seu faturamento vem do bolso do contri-

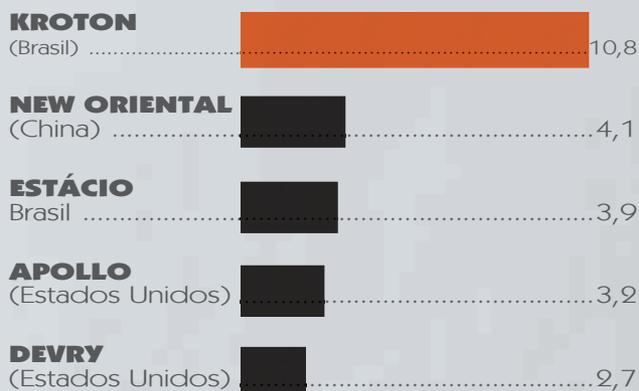
POR QUE DEU CERTO

Como a empresa liderada por Rodrigo Galindo se transformou na líder absoluta do mercado brasileiro de educação

MERITOCRACIA	INTEGRAÇÃO RÁPIDA	LIDERANÇA	HABILIDADE POLÍTICA	FINANCIAMENTO
Em um setor comandado por professores sem experiência de gestão, a Kroton atraiu gestores do mercado financeiro ao distribuir ações para 134 executivos	Nos últimos cinco anos, a Kroton comprou 28 redes de ensino. Em 90 dias elas já estavam com nível de eficiência do resto do grupo	O presidente, Rodrigo Galindo, é apontado por investidores como um diferencial da Kroton. Ele consegue unir experiência em gestão e educação	Os fundadores das redes Anhanguera, Pitágoras, Iuni e Unopar estão no conselho da Kroton. Eles fazem a interlocução com o governo e abordam possíveis alvos	Assim que percebeu a oportunidade aberta com a mudança no Fies – o financiamento do governo – a Kroton direcionou suas campanhas de marketing para o programa
EXEMPLO	EXEMPLO	EXEMPLO	EXEMPLO	EXEMPLO
Caso cumpram as metas, seus 12 principais executivos podem ganhar neste ano	Caso cumpram as metas, seus 12 principais executivos podem ganhar neste ano	Rodrigo Galindo começou a trabalhar com educação na adolescência e acumula	Walfrido Mares Guia, Pitágoras, convenceu Gabriel Rodrigues, da Anhanguera, a	Hoje, 60% de seus universitários usam o Fies. O número, recorde nacional, chega a
56 milhões de reais	300 milhões de reais	25 anos de experiência	aceitar a fusão em 2013	225.000 Alunos

As maiores empresas de educação do mundo

(valor de mercado, em bilhões de dólares)



Uma expansão movida pelo contribuinte

O Fies, programa de financiamento do governo, está por trás do surpreendente crescimento da Kroton.

Como funciona o programa

O Fies (Fundo de Financiamento Estudantil)

Foi criado em 1999 pelo governo federal. Em 2010, a taxa de juro caiu de 6,5% para 3,4% ao ano. Foi a partir daí que o programa se popularizou. Como funciona

O estudante deve ter renda familiar de até **20 salários mínimos** e passar no vestibular de uma das 1.500 instituições privadas cadastradas no Fies

O próximo passo é fazer a inscrição no Fies. Em vez de bancar as mensalidades, o aluno de graduação presencial **apenas 50 reais a cada trimestre**

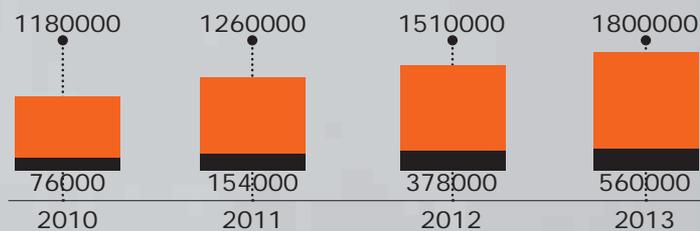
O governo deposita, todos os meses, o valor da mensalidade na conta da instituição através da Caixa. As escolas podem usar esses recebíveis para melhorar o fluxo de caixa

Após a formatura, o aluno tem **18 meses para começar a pagar**. A partir daí, tem o triplo do tempo do curso para pagar o financiamento. A taxa de juro é de **3,4% ao ano**

O Fies representa uma fatia crescente do total de universitários brasileiros

NOVOS ALUNOS EM UNIVERSIDADES

■ Financiados pelo Fies



Fontes: empresa, MEC/FNDE e Hoper

buinte, o futuro da Kroton vira uma discussão em várias esferas da sociedade. É um debate crescente entre os especialistas do setor se o governo não deveria direcionar a abertura de vagas às necessidades do país. Cerca de 30% dos financiamentos do Fies vão para alunos de direito e administração, e só 16% para alunos de engenharia. É a perpetuação de uma carência histórica: o Brasil forma 40.000 engenheiros por ano, ante 190.000 na Rússia e 650.000 na China. Segundo a Federação Nacional dos Engenheiros, o país precisará de 300.000 novos profissionais em três anos. O salário médio de um engenheiro no Brasil, de 6.500 reais, é quase três vezes maior do que o de um administrador, de 2.300 reais. É mais ou menos o que ganha a administradora catarinense Larissa Melo, que financiou seus estudos pelo Fies numa escola da Estácio na cidade de São José, em Santa Catarina, e hoje trabalha na fabricante de laticínios Itambé. Larissa usou o financiamento antes de sua popularização e se formou em 2009. Ela é grata ao programa, mas sente que poderia ter escolhido uma carreira mais promissora. “Pensei em cursar engenharia, mas não passei numa universidade pública e não encontrei cursos acessíveis em universidades privadas”, diz.

RISCO DE INADIMPLÊNCIA?

Num ambiente de pleno emprego como o atual, esses estudantes não têm problemas para encontrar trabalho, ainda que não seja com o salário que gostariam. Mas e se o desemprego e a exigência das empresas ao contratar aumentarem? “Programas de financiamento estudantil precisam ser direcionados para áreas em que o país mais precisa de mão de obra qualificada, como faz o Ciência sem Fronteiras”, diz o economista Eduardo Giannetti, ex-professor do Insper e da Universidade de Cambridge, referindo-se ao programa de bolsas em universidades do exterior. Fisioterapia também é um dos cursos preferidos de quem pega empréstimo do Fies. A baiana Jéssica Raissa escolheu esse curso em Fortaleza e usou o Fies. Formou-se em junho de 2011, mas só conseguiu arrumar um emprego na área em março de 2012. O salário mal dava para pagar a primeira parcela do financiamento, no valor de 500 reais. Ela ficou inadimplente por seis meses, até renegociar o financiamento e aumentar o prazo de pagamento.

Em outros países, essa desconexão dos cursos com o mercado de trabalho é o maior motivo de críticas ao modelo de financia-

Pública ou Privada?

O economista Milton Friedman lançou há 60 anos o debate, ainda sem solução, sobre o caminho ideal para a educação

Daniel Barros

Até que ponto financiar instituições privadas de ensino com dinheiro público é um bom negócio para a sociedade? A questão da vez no mercado brasileiro de educação remonta a uma discussão de pelo menos seis décadas. O economista americano Milton Friedman, Prêmio Nobel de Economia e maior símbolo do liberalismo econômico, foi o maior defensor da ideia de que o Estado deve terceirizar a educação para a iniciativa privada. Pela lógica de Friedman apresentada em 1955, as escolas deveriam ser privadas, e os pais receberiam um “vale” do governo, de valor fixo, com o qual escolheriam onde matricular seus filhos. A competição entre as escolas privadas



Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/10443>> Acesso em out. 2014.

daria conta de melhorar a qualidade de todo ensino. O Chile foi o país que pôs essa ideia em prática com maior entusiasmo a partir da década de 1960. Hoje, cerca de 35% de seus alunos estão em escolas privadas subvencionadas com vales do governo. Alguns estados americanos e países como Suécia, Bélgica e Holanda também aplicaram o sistema defendido por Friedman, mas de forma bem mais tímida. Na Suécia, cerca de 10% dos estudantes usam os vales para pagar a mensalidade. Não há evidências, porém, de que a competição tenha melhorado a qualidade das escolas. “No Chile, as escolas com fins lucrativos passaram a selecionar os melhores alunos, aumentando as desigualdades”, diz Gregory Elacqua, diretor do Instituto de Políticas Públicas da Universidade Diego

Portales, em Santiago. Hoje, o financiamento público a instituições privadas é tema de acaloradas discussões na sociedade chilena e pauta de governo da presidente Michelle Bachelet. A discussão é a mesma de 60 anos atrás: até que ponto é legítimo ter lucro com educação? O Brasil criou um modelo alternativo ao que propunha Friedman – os alunos recebem o financiamento, mas precisam pagar suas dívidas, diferentemente do que acontece no Chile e nos outros países que adotaram o modelo de vale. Outra diferença é que, aqui, o financiamento funciona apenas para alunos universitários. O que parece consensual sobre o financiamento à educação é que não existe uma fórmula de sucesso indiscutível. A solução parece ser arriscar – e corrigir rapidamente os desvios.

mento escolar, que existe há pelo menos seis décadas. E o motivo é prático: se o aluno se forma e não consegue bons empregos, pode não ter dinheiro para pagar sua dívida. Nos Estados Unidos, onde 90% dos universitários de escolas privadas usam algum tipo de financiamento, a crise econômica fez com que a situação ficasse insustentável. Segundo a consultoria McKinsey, 42% das pessoas que se formaram nos últimos anos trabalham com uma atividade que não exige ensino superior completo. A dívida com mensalidades não pagas já chega a 1,2 trilhão de dólares. “As mensalidades no Brasil custam muito menos do que lá. Mas precisamos ficar atentos. Temos a vantagem de poder aprender com os erros americanos e fazer ajustes”, diz Fernando lunes, diretor do banco Itaú BBA e responsável por alguns dos principais negócios do setor de educação.

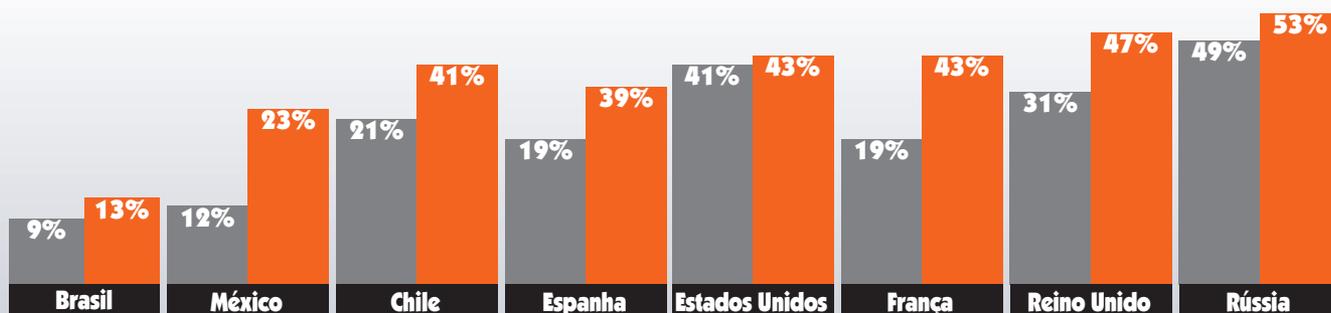
O caminho para corrigir os desvios é incrementar a regulação. O Brasil é o único país entre as grandes economias a ter uma prova que mede o conhecimento dos alunos de cursos de graduação, o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade). O exame foi criado em 1995, com o nome de Provão, e o percentual de faculdades que ficaram com notas insatisfatórias caiu de 37% para 30% de 2009 a 2012, data das duas últimas edições. As escolas públicas levam vantagem sobre as privadas. Segundo um estudo do economista Cláudio Moura e Castro, a nota média de instituições educacionais listadas na BM&F Bovespa é de 227 pontos, enquanto a média das públicas é de 265 pontos, de uma escala de 500. A diferença cresce muito na comparação com as universidades públicas de ponta. A Universidade

Abaixo da média

Mesmo com a expansão dos últimos anos, a participação de universitários entre os brasileiros ainda é muito menor do que em outros países. De uma geração para a outra, a mudança é mais visível apenas na população com o ensino médio completo

População com ensino superior completo

- De 55 a 64 anos
- De 25 a 34 anos





Disponível em: <<http://tatacomputertoys.blogspot.com.br/2012/06/feira-de-robotica-no-colegio-sao-bento.html>> Acesso em out. 2014.

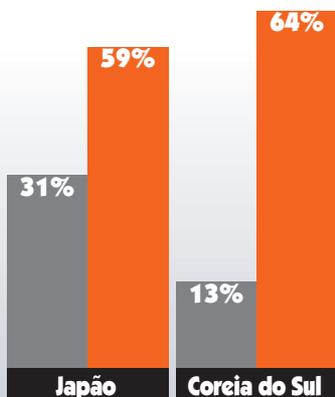
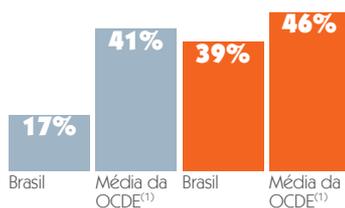
Federal do Rio Grande do Sul, que teve o melhor desempenho do indicador de 2012, alcançou 428 pontos – é quase o dobro da média das escolas privadas. “Não surpreende que a nota média das universidades públicas não seja muito maior do que a das privadas. Embora tenham alunos mais preparados, as públicas costumam sofrer com greves e excesso de custos”, diz Bob Verhine, ex-presidente da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior e professor da Universidade Federal da Bahia.

A Universidade de São Paulo, considerada a melhor do país em *rankings* internacionais, ilustra o drama da má gestão no setor público. A USP está com 106% de seu orçamento anual comprometido com a folha de pagamentos. Gasta mais com servidores do que com os professores. Suas dívidas chegam a mais de 400 milhões de reais. O Brasil,

não custa lembrar, é também o país em que 38% de seus formandos saem da universidade sem alfabetização plena, segundo pesquisa do Instituto Paulo Montenegro, vinculado ao Ibope. Quatro em cada dez estudantes que chegam ao mercado de trabalho não sabem interpretar textos nem fazer contas complexas. Empresas como a Kroton não precisam – nem têm a pretensão – formar o primeiro Prêmio Nobel brasileiro. O papel de formar pensadores e executivos de elite vai continuar nas mãos de escolas públicas ou de redes como o Ibmecc e a Fundação Getúlio Vargas – assim como nos Estados Unidos, a pesquisa se concentra em escolas sem fins lucrativos, como *Harvard* e o *Massachusetts Institute of Technology*. Mas, se ajudar a reduzir os péssimos índices de qualidade do ensino no país, o sucesso da Kroton será também o sucesso do Brasil. Aí, sim, a conta vai fechar. ■

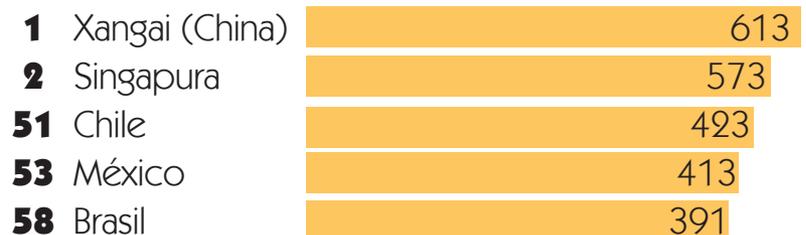
População com ensino médio completo

■ De 55 a 64 anos
■ De 25 a 34 anos



O problema é que os jovens brasileiros chegam despreparados à faculdade

Ranking de matemática do exame internacional Pisa 2012 (nota de zero a 1.000)



E não melhoram a formação durante o ensino superior

38%

dos graduados brasileiros não sabem interpretar textos complexos nem fazer contas.

(1) A média da OCDE é tirada dos dados de 34 países, em sua maioria considerados desenvolvidos, com exceções como o Chile e o México
Fontes: OCDE, Instituto Paulo Montenegro e Hoper.

A escola do futuro

Inovações tecnológicas e uma nova onda de *startups* estão transformando a maneira de transmitir conteúdo

Daniel Barros

A pesar de todos os recursos tecnológicos disponíveis numa sala de aula hoje, a experiência de quem obtém um diploma acadêmico em 2010 é muito parecida com aquela vivida por seus bisavós. Um sujeito fala, o restante escuta. Mas a necessidade

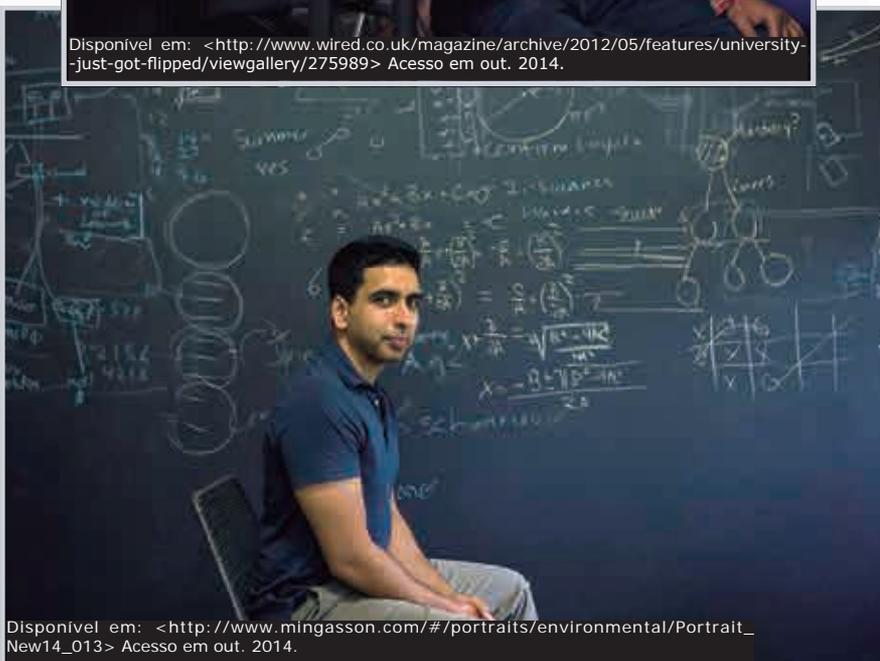
de ensinar muito mais gente está iniciando uma transformação no setor. “Melhorar a qualidade do ensino a distância é sem dúvida a próxima fronteira para as universidades no Brasil”, diz Bruno Giardino, analista de educação do banco Santander. As maiores inovações não devem surgir dentro das grandes instituições. O principal exemplo no mundo é o americano Salman Khan, que criou a plataforma virtual Khan Academy em 2006. Ela oferece mais de 4.000 videoaulas a pessoas do mundo inteiro e tem parcerias com instituições tradicionais. A própria Kroton usa aulas da Khan Academy para nivelar conhecimentos básicos entre seus alunos. “A tecnologia permite individualizar

o aprendizado e isso vai revolucionar o modelo de educação no Brasil e no mundo”, diz Deniz Mizne, diretor da Fundação Lehmann. No Brasil, as novas ideias estão vindo de *startups* como o Veduca, de São Paulo. A empresa oferece cursos *on-line* das melhores universidades do mundo para 420.000 alunos brasileiros. O Veduca aplica um modelo em que as aulas são quebradas em vídeos de 5 a 10 minutos, com pequenos testes entre eles. “O aluno não aprende com vídeos longos e monótonos”, diz Carlos Souza, fundador do Veduca. A empresa fatura 5 milhões de reais e recebeu aporte de investidores internacionais, como a Macmillan Digital. A Sambatech, fundada pelo mineiro Gustavo Caetano, usa uma onda de calor que mostra em que pontos do vídeo a maior parte dos alunos para de assistir ou volta para ver de novo. “Isso permite às empresas de educação pensar o tamanho ideal de seus vídeos

e que conceitos não são bem compreendidos”, diz Caetano. A tecnologia é utilizada pela Anhanguera. O modelo de negócios da Sambatech é inspirado no *startup* americano Brightcove. As duas trabalham desenvolvendo tecnologias personalizadas de transmissão de vídeo para grandes empresas. A Sambatech fatura 30 milhões de reais e, neste ano, fechou contrato com 35 novos clientes, como cursos preparatórios e empresas preocupadas com treinamento corporativo. Nenhuma dessas tecnologias vai substituir a educação formal das faculdades, mas será fundamental para complementar o conteúdo. Nos próximos anos, a concorrência de redes como a Kroton não virá apenas dos grandes grupos. Poderá vir de qualquer garagem do mundo – inclusive do Brasil.



Disponível em: <<http://www.wired.co.uk/magazine/archive/2012/05/features/university-just-got-flipped/viewgallery/275989>> Acesso em out. 2014.



Disponível em: <http://www.mingasson.com/#/portraits/environmental/Portrait_New14_013> Acesso em out. 2014.



A novidade da vez é o Código QR

Em um mundo cada vez mais globalizado, a cada dia surgem novas tecnologias. A Appai procura acompanhar essas mudanças e manter seus associados sempre atualizados. A novidade da vez é o código QR Code, que foi apresentado para os associados, na tenda do Benefício de Caminhadas e Corridas, durante o Circuito Light Rio Antigo – Etapa Largo da Carioca. O intuito da utilização do código era divulgar a tecnologia e fazer com que os associados e beneficiários participassem da promoção e concorressem ao prêmio.

A mediadora de Tecnologias Educacionais e associada da Appai, Rossiane Braga, conta que foi muito simples participar da promoção. “Basta baixar o aplicativo código QR Code ou digitar o endereço na barra do celular. Através do aplicativo, fazer a leitura do código que irá direcioná-lo para o cadastramento da promoção. Com isso, é só colocar a matrícula da Appai e e-mail e já estará participando da promoção. Muito fácil, prático e rápido!”, explica.

A associada relata que achou muito interessante essa novidade na tenda da Appai. “Principalmente porque eu trabalho com tecnologia. É muito importante ver que tudo vai evoluindo e a gente está sempre aprendendo e conhecendo coisas novas. Foi uma novidade e eu estou adorando!”, conta Rossiane.

Além dela, o associado e professor de Educação Física, Adriano Biavatti, também achou muito simples fazer o cadastramento na promoção. “Só precisei digitar minha matrícula e e-mail, e a partir daí já estava concorrendo. Geralmente tenho sorte em promoções”, garantiu Adriano. Segundo ele, a promoção foi uma surpresa. “A Appai não para de surpreender os associados, com incentivos a saúde, promoções e sorteios. Sempre com uma novidade. Todos os serviços prestados são muito úteis, práticos e de extrema qualidade”, elogia o professor.

Adriano estava confiante, mas quem levou o prêmio foi a associada Denise Pereira. Ela conta que ganhou uma estadia em uma das pousadas parceiras da Appai, com direito a acompanhante. “Para variar, a Appai, sempre nos proporcionando novi-

dades, colocou uma promoção em plena tenda da corrida. Na hora, meu filho fez as nossas inscrições e para minha surpresa fui contemplada. Não tinha muita sorte em concursos, agora acho até que isso mudou. Iremos, eu e o maridão Péricles, para Parati no próximo dia 31 de outubro. Esperamos curtir muito. Só temos muito a agradecer a todos os membros da Appai, que a cada dia nos enche de novidades, emoções e alegrias, nos fazendo sentir realmente uma grande família”, enaltece.

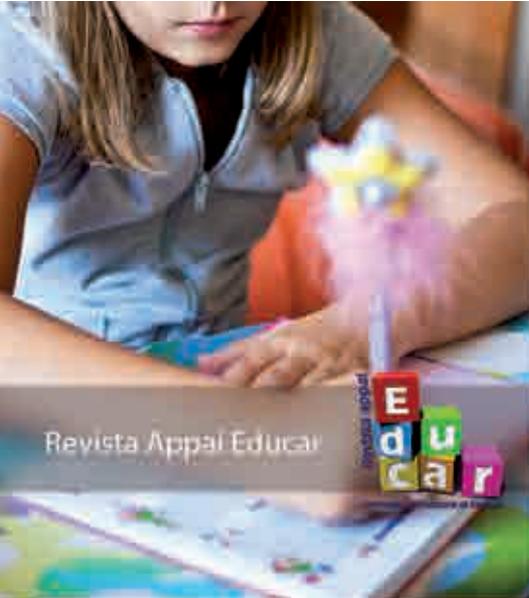
Mas, afinal, o que é um QR Code?

O Código QR (sigla em inglês de *Quick Response*) é um código de barras que pode ser facilmente escaneado usando a maioria dos telefones celulares que possuem câmera. Inicialmente empregado para catalogar peças na produção de veículos, hoje o QR Code é usado no gerenciamento de inventário e controle de estoque em indústrias e comércio. Desde 2003, foram desenvolvidos aplicativos que ajudam usuários a inserir dados em telefone celular usando a câmera do aparelho. Os Códigos QR são comuns também em revistas e propagandas, para registrar endereços e URLs, bem como informações pessoais detalhadas. Em cartões de visita, por exemplo, o Código QR facilita muito a inserção desses dados em agendas de telefones celulares.

Colaboração: Jéssica Almeida



Com o aplicativo do celular, a associada fez o cadastramento na promoção através do Código QR Code



Revista Appai Educar



Médico Ambulatorial Básico



Seguro de Vida em Grupo

BENEFÍCIOS



Dança de Salão



Caminhadas e Corridas

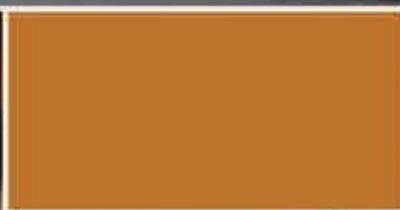
CAMINHADAS E CORRIDAS



Benefício Passeio Cultural



Jurídico



Seguro para Cobertura de Algumas Doenças Graves



Assistência Flex Domiciliar



Assistência Funeral



Educação Continuada



Serviço Social



Odontológico Ambulatorial Básico



appai
appai.org.br